



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS – *CAMPUS XVIII*
COLEGIADO DE LETRAS**

O USO DO DIMINUTIVO EM *TERRAS DO SEM FIM*, DE JORGE AMADO.

JÉSSICA LEAL DA SILVA

**EUNÁPOLIS-BA
2023**



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS – *CAMPUS XVIII*
COLEGIADO DE LETRAS**

JÉSSICA LEAL SILVA

O USO DO DIMINUTIVO EM *TERRAS DO SEM FIM*, DE JORGE AMADO

Monografia apresentada ao Colegiado de Letras da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, *campus XVIII*, como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Almeida dos Santos.

EUNÁPOLIS-BA
2023

JÉSSICA LEAL DA SILVA

O USO DO DIMINUTIVO EM *TERRAS DO SEM FIM*, DE JORGE AMADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia, *Campus XVIII*, como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Letras Vernáculas, Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Almeida dos Santos

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientador - Prof. Dr. Leandro Almeida dos Santos
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Profª. Esp. Lícia da Silva Sobral
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Prof. Me. Marcelo Nascimento Dias
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

EUNÁPOLIS-BA
2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela minha vida e por ter me capacitado todos esses anos na UNEB, me guiando, me encorajando, fazendo cada coisa em seu devido tempo, me dando forças e coragem para enfrentar cada luta. Cada passo deste trabalho teve a mão de Deus.

Agradeço a minha vó paterna, Josefina, que sempre cuidou de mim, orando e me guiando como uma mãe, aconselhando a nunca desistir dos meus sonhos, frente as muitas adversidades que encontrei ao longo do caminho.

Ao meu pai, Adonias que, com seu jeito de viver, me incentivou a chegar em lugares que jamais imaginei.

A família, em especial, a minha tia Cleonice, que sempre me ajudou, me apoiou e orgulhosamente, acreditou em mim.

Ao meu esposo, Pedro Henrique, que me acompanhou diariamente durante o processo, me encorajando e enxugando minhas lágrimas todas às vezes que pensei em desistir, me dando forças para continuar e seguir em frente.

Ao professor Dr. Leandro Almeida dos Santos, por ter aceitado esse desafio, sem ao menos me conhecer, sem ao menos ter me visto, teve toda paciência e acreditou em meu potencial nesse um ano de orientações. Te desejo todo sucesso do mundo.

Aos amigos, discentes, e aos amigos de longas datas, agradeço aos que permaneceram.

“Nenhum tempo é melhor que esse, Ester, em que o sonho é possível.”
AMADO, 2008, p.55

RESUMO

Este trabalho visa analisar o uso do fenômeno linguístico do diminutivo na obra *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado. É importante compreender a relevância do diminutivo dentro dos contextos proporcionados pela narrativa literária. Ao explorar essa estratégia linguística, pretende-se elucidar como o uso do diminutivo contribui para a construção da narrativa e para a caracterização dos elementos da trama, proporcionando uma compreensão mais ampla do texto e de suas nuances linguísticas. A seleção dos trechos da obra para o *corpus* analítico não apenas considerou as ocorrências de uso dos termos no diminutivo, mas também a riqueza dos campos semânticos em que estes estão inseridos. Os campos semânticos, representando conjuntos de vocábulos inter-relacionadas por seus significados, permitiram uma análise mais abrangente. Esses campos contextualizam as ocorrências dos diminutivos, oferecendo uma compreensão mais completa de como esses termos se entrelaçam, ampliando sua carga semântica e enriquecendo a narrativa. Isso proporcionou um olhar mais abrangente e contextualizado sobre o uso dos diminutivos na obra de Jorge Amado, oferecendo uma visão mais completa não apenas do uso dos vocábulos, mas também das sutilezas e nuances presentes nos diversos contextos em que esses termos são empregados. O embasamento teórico desta pesquisa está fundamentado na perspectiva da Semântica, abrangendo tanto a Semântica Lexical quanto a Formal. Ao empreendermos a análise do fenômeno do diminutivo na obra, recorreremos a uma variedade de fontes, incluindo dicionários de língua portuguesa, gramáticas especializadas e pesquisas acadêmicas relevantes sobre esse fenômeno linguístico. O resultado da análise permitiu identificar a complexidade e a diversidade de usos do diminutivo dentro da narrativa, revelando sua influência na construção de significados e sua definição contextualizada no cenário em que se insere, enriquecendo a compreensão da obra e do fenômeno linguístico em questão.

Palavras-chave: Fenômeno linguístico. Diminutivo. Vocábulos. Campos semânticos.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the use of the linguistic phenomenon of diminutive in Jorge Amado's *Terras do Sem Fim*. It is important to understand the relevance of the diminutive within the contexts provided by the literary narrative. By exploring this linguistic strategy, the aim is to elucidate how the use of the diminutive contributes to the construction of the narrative and to the characterization of the elements of the plot, providing a broader understanding of the text and its linguistic nuances. The selection of excerpts from the book for the analytical corpus not only considered the occurrences of the use of diminutive terms, but also the richness of the semantic fields in which they are inserted. The semantic fields, representing sets of words interrelated by their meanings, allowed for a more comprehensive analysis. These fields contextualize the occurrences of diminutives, offering a more complete understanding of how these terms intertwine, broadening their semantic load and enriching the narrative. This has provided a more comprehensive and contextualized look at the use of diminutives in Jorge Amado's work, offering a more complete view not only of the use of the words, but also of the subtleties and nuances present in the various contexts in which these terms are used. The theoretical basis of this research is based on semantics, covering both lexical and formal semantics. In undertaking the analysis of the diminutive phenomenon in the work, we drew on a variety of sources, including Portuguese language dictionaries, specialized grammars and relevant academic research into this linguistic phenomenon. The result of the analysis allowed us to identify the complexity and diversity of uses of the diminutive within the narrative, revealing its influence on the construction of meanings and its contextualized definition in the setting in which it is inserted, enriching our understanding of the work and the linguistic phenomenon in question.

Keywords: Linguistic phenomenon. Diminutive. Vocabulary. Semantic fields.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Jorge Amado.....	43
Figura 2 – Edição Terras do sem fim 1977.....	46
Figura 3 – Vista parcial da cidade de Ilhéus (BA) 1953.....	49
Figura 4 – Vista de Ilhéus (2021)	51
Figura 5 – Museu casa de cultura Jorge Amado.....	52
Figura 6 – Estátua de Jorge Amado (Ilhéus)	53
Figura 7 – Entrada da Casa do Rio Vermelho em Salvador.....	54
Figura 8 – Fundação casa de Jorge Amado.....	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Possíveis causas que influenciam o uso da língua.....	21
Quadro 2 – Dicionários da Língua Portuguesa.....	24
Quadro 3 – Gramáticas da Língua Portuguesa.....	27
Quadro 4 – Algumas pesquisas realizadas com o diminutivo.....	34
Quadro 5 – Cronologia Biográfica do autor.....	44
Quadro 6 – Vocábulo com diminutivo encontrados na obra em análise.....	56
Quadro 7 – Campo semântico Afetividade.....	61
Quadro 8 – Campo semântico Nome próprio.....	63
Quadro 9 – Campo semântico Pejorativo.....	64
Quadro 10 – Campo semântico Tempo.....	65
Quadro 11 – Campo semântico Comprimento.....	66
Quadro 12 – Campo semântico Modal.....	67
Quadro 13 – Campo semântico Precisão.....	67
Quadro 14 – Campo semântico Comparação.....	68
Quadro 15 – Campo semântico Compaixão.....	69
Quadro 16 – Campo semântico Quantidade.....	69
Quadro 17 – Campo semântico Enfático.....	70
Quadro 18 – Campo semântico Lugar.....	70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Ocorrências dos campos semânticos na obra.....	73
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 PERSPECTIVAS TEÓRICAS.....	17
1.1 Breve história da Semântica.....	17
1.1.1 Tipos de Semântica.....	17
1.1.1.1 Semântica lexical.....	18
1.1.1.2 Semântica formal.....	19
1.1.1.3 Semântica Cognitiva.....	20
1.1.2 Semântica e contexto.....	21
1.1.3 Campos Semânticos/ Temáticos.....	24
1.2 Visões sobre o Diminutivo.....	25
1.2.1 Dicionários de Língua Portuguesa.....	25
1.2.2 Gramáticas de Língua Portuguesa.....	27
1.2.2.1 Gramáticas Históricas.....	29
1.2.2.2 Gramáticas Tradicional/Normativa.....	30
1.2.2.3 Gramáticas Pedagógicas.....	32
1.2.2.4 Gramáticas de usos/descritivas.....	33
1.2.2.5 Comparação entre as Gramáticas.....	34
1.3 Pesquisas acadêmicas.....	34
2 METODOLOGIA.....	42
2.1 Aspectos metodológicos.....	43
2.2 Autor da obra	43
2.3 Contextualizando a obra.....	46
2.3.1 Resumo da obra	47
2.3.2 A cidade de Ilhéus/BA.....	49
3 ANÁLISE DOS DADOS.....	57
3.1 Vocábulo com diminutivos encontrados na obra.....	57
3.2 Produtividade dos campos semânticos.....	61
3.2.1 Campos semânticos mais produtivos.....	62
3.2.2 Campos semânticos menos produtivos.....	67
3.2.3 Comparação da análise linguística.....	72
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS.....	78

1 INTRODUÇÃO

A linguagem é uma das mais complexas e fascinantes formas de expressão humana, sendo a base de nossa comunicação e compreensão do mundo que nos rodeia. Ao analisar os fenômenos linguísticos, somos levados a uma jornada de exploração que revela as profundezas da linguagem e como ela é moldada por fatores diversos. Nesse contexto, pesquisas linguísticas desempenham um papel vital nos mecanismos que regem a comunicação, enriquecendo nossa compreensão da linguagem.

Esta pesquisa tem como foco a obra *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado, e concentra-se na análise do uso do diminutivo, um fenômeno linguístico que reflete as influências culturais e contextuais em que é empregado. Ao nos dedicarmos à análise minuciosa do diminutivo nesta obra, buscamos aprofundar não apenas a compreensão da escolha dos vocábulos, mas também como sua forma e emprego podem contribuir significativamente para a construção de sentidos e a representação dos elementos narrativos.

De maneira mais específica, a pesquisa oferece uma perspectiva valiosa sobre como a escolha linguística é intrinsecamente relacionada com a construção de significados na narrativa literária, além disso, destaca a importância da análise contextual na interpretação dos vocábulos e como o uso do diminutivo pode revelar *insights* sobre a cultura e a sociedade da época.

Para alcançar o propósito desta pesquisa, o objetivo geral compreende-se em:

Identificar os campos semânticos em que o diminutivo é utilizado na obra, aprofundando-se na compreensão dos contextos e situações em que essa estratégia linguística é empregada.

Os objetivos específicos traçados são:

Delimitar os possíveis campos semânticos do diminutivo encontrados na narrativa, explorando as nuances semânticas associadas a esse recurso linguístico e como ele molda diferentes aspectos da trama e das personagens.

Contextualizar o uso do diminutivo em relação às normas linguísticas estabelecidas em dicionários e gramáticas, examinando como a obra se alinha ou se distancia dessas convenções, revelando particularidades do seu emprego e possíveis inovações.

Assim sendo, a estruturação de uma pesquisa monográfica se sustenta em diferentes abordagens metodológicas, variando de acordo com a natureza do estudo proposto pelo pesquisador. Esta pesquisa se enquadra como um estudo que envolve a interpretação e descrição de dados em uma abordagem qualitativa. Para seguir as diretrizes de uma metodologia, foram consultadas fontes primárias e secundárias, fundamentais para embasar teoricamente este estudo.

Com o intuito de direcionar a delimitação semântica em campos, as fontes consultadas para embasar teoricamente esta pesquisa foram selecionadas em diversas perspectivas. Buscamos, nessas fontes, o embasamento para compreender a Semântica, estabelecer os campos semânticos e aprofundar o entendimento sobre a linguagem e seus significados. Para isso, recorreremos aos teóricos, tais como: Fiorin (2003); Lakoff (1998); Lopes (1993); Moura (2006) e Ullmann (1961).

Nesse sentido, para apresentar os conteúdos desta pesquisa, organizamos o trabalho em quatro seções. Na primeira, busca-se proporcionar um alicerce teórico para a compreensão dos elementos linguísticos abordados. Ela compreende desde uma *breve história da Semântica* até discussões sobre os *tipos de Semântica* existentes, a importância do contexto e a análise dos *campos semânticos/temáticos*, bem como é explorado o entendimento do diminutivo a partir de diferentes fontes, como *os dicionários e gramáticas de Língua Portuguesa*, incluindo abordagens históricas, normativas, pedagógicas e descritivas. A comparação entre essas perspectivas auxilia na compreensão da riqueza e variedade de interpretações do diminutivo.

Na segunda seção, são abordados diversos pontos cruciais. Primeiramente, dedicamos espaço para a apresentação do autor, Jorge Amado, ressaltando sua importância e legado na literatura. Em seguida, realizamos uma imersão na obra, escolhida como fonte principal para a construção do *corpus* a ser analisado. Neste mergulho, fornecemos uma contextualização rica, abordando elementos históricos, geográficos, sociais e culturais presentes na narrativa, pois reconhecemos sua influência direta na linguagem e nos elementos semânticos encontrados, adicionalmente, detalhamos o processo de coleta de dados referentes aos vocábulos com diminutivos, descrevendo a metodologia adotada para a identificação e catalogação desses termos na obra. Por fim, explicamos, minuciosamente, a forma como os dados foram tratados e organizados, enfatizando a preparação realizada para uma análise coerente. Esta estrutura permitirá uma compreensão detalhada de como a obra foi abordada, analisada e contextualizada dentro do escopo da pesquisa.

Na terceira seção, é realizada a análise dos vocábulos com diminutivos encontrados na obra, explorando a produtividade dos campos semânticos. Há uma diferenciação entre campos mais e menos produtivos, ressaltando as nuances e a diversidade presente nos significados, além de recapitulando os pontos cruciais discutidos em cada seção, apresentado reflexões conclusivas com base nos dados analisados, ressaltando a importância da pesquisa e apontando possíveis direções para estudos futuros na área.

Na quarta seção, são encontradas as considerações finais da pesquisa, nas quais são evidenciados a relevância dos diminutivos, a profundidade semântica que eles agregam à

narrativa e a influência vital do contexto na interpretação desses elementos na obra de Jorge Amado, bem como os principais pontos levantados na pesquisa, destacando a importância dos diminutivos e a riqueza semântica.

1 PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Para um entendimento melhor sobre o diminutivo e suas diversificações a partir dos contextos situacionais e de usos, tentaremos, aqui, construir uma revisão de literatura, fazendo recortes que trazem informações a respeito desse sufixo, sob diversas perspectivas teóricas.

Primeiramente, a seção 1.1.1 aborda um breve histórico sobre a Semântica, tais como: tipos de Semântica, Semântica e contexto e, por fim, campos semânticos/ temáticos. A seção 1.2 demonstra como o diminutivo é visto nos dicionários de Língua Portuguesa, nas gramáticas e em alguns trabalhos acadêmicos.

1.1 Breve história da Semântica

A origem da palavra Semântica teve sua real importância na antiga Filosofia grega, na qual existiram duas linhas de pensamentos rivais: a naturalista, que acreditava na existência de uma relação entre som e sentido, e a convencionalista, que acreditavam que a era relação arbitrária. Porém, foi a partir do século XIX que a Semântica surgiu como uma área da Linguística, criando um ambiente singular do significado.

Os estudiosos da Semântica tiveram como princípio a ideia de que sua tarefa era estudar as mudanças de significado, explorar as suas causas, classificando-as de acordo com critérios lógicos e psicológicos, com o intuito de formular leis gerais e investigar suas origens. Assim, nas primeiras décadas do século XX, ocorreu um progresso nos estudos das mudanças de significado. Sobre esses marcos da época, vale destacar que “[...] A semântica contemporânea caracteriza-se também por um interesse marcado pelas relações entre a linguagem e o pensamento” (ULLMANN, 1961 p. 139).

Para Marques (2003), os estudos semânticos não foram ainda amplamente estudados, devido à falta de um conceito “[...] preciso, consensual e abrangente do que seja semântica” (MARQUES, 2003, p. 126). Todas as definições de Semântica e delimitações a respeito do seu objeto de estudo são parciais, afirmando que o conhecimento que se tem a respeito de significado numa perspectiva científica é insignificante, mas que é inegável a importância do significado quando se refere à língua.

1.1.1 Tipos de Semântica

Apresentaremos alguns tipos de Semântica a partir de seus princípios, segundo Fiorin (2003) e Lakoff (1998), são elas: a Semântica formal, próxima da lógica, a Semântica lexical, que abrange o significado dos vocábulos da língua e, por fim, a Semântica cognitiva, tratando

a estrutura conceitual da língua e o processo de construção pela metáfora. Assim, apresentar essas concepções de linguagem é importante para refletir os vocábulos inseridas no contexto como reflexo e diversos sentidos.

1.1.1.1 Semântica lexical

Segundo Fiorin (2003), a Semântica lexical vai tratar da tradição lógica, buscando, nos pressupostos filosóficos, explicar que os conceitos são universais, uma vez que esses se situam fora da linguagem e, por isso, são imutáveis para qualquer ser humano.

Com o raciocínio de Rastier (2006), segundo o qual “as palavras teriam um sentido porque as coisas têm um ser”, entra em jogo a concepção de mundo “real” e de não se trabalhar com “porções de significados”, pois a Semântica do referente trabalha com essências, ainda dentro dessas pressuposições, a coisa, ou referente, tomado como essência não admite o verdadeiro ser, só pode ser uno, caso contrário, não se saberia qual é o verdadeiro.

Sobre isso, Fiorin (2003) enfatiza que “[...] a incorporação de traços semânticos provenientes de contexto é processo observável a cada novo uso discursivo, alterando parcialmente a identidade das acepções das unidades que se trata” (FIORIN, 2003 p. 125). Assim, é possível estabelecer relações entre as unidades dentro de um contexto, para que a linguagem produza efeito de sentido e não de reflexo das coisas. Ainda, segundo o referido autor “[...] Na Semântica lexical, existem seis tipos de relações de palavras entre si, são elas: sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia, homonímia, paronomásia e polissemia” (FIORIN, 2003, p. 138).

A sinonímia refere-se às palavras que apresentam possibilidades de substituição em um determinado contexto. Por exemplo, *novo* é sinônimo de *jovem*, porque, no contexto, *homem novo* pode ser substituído por *jovem*.

Antonímia é o contrário de sinonímia, pois a palavra tem significados diferentes, por meio do léxico. Por exemplo, *bonito/feio*, *alto/baixo*, há também antônimos que apresentam oposições polares, por exemplo, *dar/receber*, *morto/vivo* e dependem do ponto de vista colocado no discurso.

A hiperonímia e a hiponímia são fenômenos derivados das disposições hierárquicas de classificação próprias do sistema lexical, ou seja, são significados que, pelo seu domínio semântico, englobam outros significados. Por exemplo, *mamífero/felino*, *canídeo/roedor*, *animal/réptil*.

A paronomásia são significantes com imagens acústicas semelhantes que podem ter seus significados aproximados em poesias ou vocabulários. Por exemplo, vocábulos como *gritar* e

grafar não se relacionam em seu sentido, mas faz sentido, a partir do momento que são colocados em discurso pela permutação dos fonemas semelhantes construindo, assim, paronomásias.

A polissemia tem um único significante, mas apresenta vários significados e depende do fato de que os signos são usados em contextos distintos. Por exemplo, o vocábulo *vela* muda de significado a partir do contexto em que está inserida *objeto de iluminação, pano que com o evento impele as embarcações, peça que causa a ignição de motores*.

1.1.1.2 Semântica formal

A Semântica formal é a parte da Linguística que estuda as expressões linguísticas e o mundo no qual se caracteriza sobre alguma coisa, considerado como uma propriedade central das línguas humanas o ser sobre algo, isto é, o fato de que as línguas naturais são utilizadas para estabelecermos uma referencialidade, para falarmos sobre objetos, indivíduos, fatos, eventos, propriedades como externas da própria língua. Na Semântica formal, o significado é entendido como uma relação entre a linguagem e sobre o que a linguagem fala.

Segundo Fiorin (2003), para conhecer essa condição de verdade e de mundo, precisamos entender os paradigmas que cercam ou que representam esses panoramas. Primeiramente, a noção de denotação/referência que diz respeito a maneira como algumas expressões nominais são usadas para representar diretamente os indivíduos ou entidades do mundo, podendo apresentar também objetos mais complexos como propriedades e relações entre propriedades.

Acarretamento e pressuposição fazem o uso do conceito de verdade que é a referência de uma sentença no qual uma sentença acarreta uma outra sentença, se a verdade da primeira garante, necessariamente, a verdade da segunda, e a falsidade da segunda garante a falsidade da primeira. Uma outra observação é que a noção de acarretamento se limita ao conteúdo informacional da sentença, nisso, ela não envolve o contexto, já a noção de pressuposição vai além do conteúdo informacional da sentença, pois envolve as suas condições de uso na relação com o discurso.

A sinonímia e paráfrase é outra relação de sentido que pode ser entendida pelas sentenças, é uma relação entre duas expressões linguísticas que tem o mesmo por sentido, no entanto, dificilmente, é encontrada uma sinonímia que muda de acordo o contexto e expressões sinônimas perdem sua equivalência. A paráfrase é relação de sinonímia entre as sentenças para a noção de acarretamento dá uma maneira de definir formalmente o conceito de paráfrase, pois, quando duas sentenças são sinônimas, uma acarreta a outra e vice-versa.

A noção de contradição está ligada às noções de acarretamento e sinonímia e acontece quando duas expressões têm sentidos incompatíveis com a mesma situação, assim, duas sentenças são contraditórias quando ambas não podem ser simultaneamente verdadeiras. Já a ambiguidade está relacionada às sentenças no qual uma sentença pode ser ambígua porque a sintaxe prevê diferentes possibilidades de combinação em constituintes, assim uma sentença vai ser ambígua quando ela puder ter mais de uma estrutura sintática.

As relações dêiticas e anafóricas estão ligadas ao contexto linguístico do vocábulo a partir da variação segundo o valor que é atribuído, a identificação da referência de um pronome é um tópico que envolve vários aspectos da competência linguística, pois envolve conhecimentos lexical, sintático, semântico e pragmático. As relações de escopos estabelecem quando a interpretação de uma expressão depende da interpretação de outra, em termos semânticos, existem duas ou mais possibilidades para estabelecer essas relações.

Assim, é perceptível que a Semântica formal se propõe a analisar algumas questões relacionadas aos significados das línguas naturais e explicita ou implicitamente em maior ou menor grau.

1.1.1.3 Semântica Cognitiva

A Semântica cognitiva apresentada por Lakoff (1998) vai se basear nos estudos da Psicologia cognitiva, pois foram primordiais nos estudos da Psicologia cognitiva experimental dos anos 70. Para se compreender a Semântica, de Lakoff (1998), é necessário fazer-se um percurso teórico em três etapas básicas.

A primeira teoria é a Linguística experiencial, a segunda é a Psicologia cognitiva experimental, a terceira e última é a teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, assim o referido autor trata de questões semânticas tendo sempre como ponto de partida o processo humano de categorização, ancorando na crítica ao paradigma gerativista.

Lakoff (1998) defende seis teses de modelo cognitivo que contribui para a estruturação de diferentes domínios cognitivos e para a significatividade das expressões linguísticas, seja no plano pluralmente conceitual ou no plano simbólico das construções gramaticais. O referido autor, destaca quatro tipos de modelos cognitivos, o de esquema de imagens, os proposicionais, os metonímicos, os metafóricos e os simbólicos.

O esquema de imagens tem natureza corporal cinestésica, assim, impõe uma estrutura a nossa experiência de espaço, são projetados para domínio conceitual, por meio da metáfora e metonímia e estruturam modelos cognitivos complexos. Os proposicionais, contêm entidades com suas propriedades e relações que se estabelecem entre elas, não usam mecanismos

imaginativos e usam metáfora, metonímia ou imagem mentais. A metonímia é uma das características básicas da cognição, é extremamente comum as pessoas tomarem um aspecto bem entendido ou fácil de perceber de alguma coisa e usá-lo para ficar como um todo.

O metafórico tem um domínio conceitual bem estruturado e significado que é chamado de domínio forte que carece de uma estrutura para efeitos de sua compreensão que é chamado de domínio alvo, nesse sentido, há um mapeamento que liga esses domínios e se torna uma projeção metafórica que faz com que tenha um domínio das estruturas conceituais. Por fim, os simbólicos que se baseiam na gramática cognitiva e têm duas características básicas. O primeiro são conjunções de modelos de forma com outros modelos cognitivos, ou seja, envolve elementos de natureza linguística como morfemas, categorias e construções gramaticais. O segundo trata da compreensão de todos os tipos de correspondências de formas significativas que têm uma realidade cognitivas.

Por fim, a Semântica cognitiva faz parte de uma prática de análises de conceitos pode levar as construções de uma metalinguagem que se ajuste as ambições descritivas vindo a construir um modelo consistente e rigoroso.

1.1.2 Semântica e Contexto

Ullmann (1961) enfatiza que, a partir dos tempos modernos, foram realizados métodos de análises para descobrir quais unidades semânticas acima do nível da palavra eram necessárias para construir um novo termo para designar os mais pequenos elementos significativos da fala, ou seja, os seus significados. Na teoria, para designar esses elementos, era preciso acompanhar diversos agrupamentos a partir dos morfemas: sufixos derivativos, inflexionais, nominal e pronominal, plural e adjetival e, por último, a entoação.

A palavra, em si, desempenha um papel decisivo na estrutura da língua que necessita de um ramo especial da Linguística para ser examinado de todos os aspectos. Esse ramo chama-se Lexicologia. Além de só não tratar da palavra, mais de todos os morfemas que entram na sua composição. Por fim, a Lexicologia tem uma grande importância nos estudos do significado, pois, além de tratar dos morfemas que as formam e suas unidades significativas, essa área terá subdivisões a ser estudada: a Morfologia com o estudo da formação e a Semântica com os estudos dos significados.

O autor, ainda, menciona que:

Qualquer definição do significado deveria ser considerada apenas como uma hipótese de trabalho. O seu valor dependerá de como opere: da ajuda que possa prestar na descrição, interpretação e classificação dos fenômenos semânticos. Todas as obras

principais de teorias semânticas se têm baseado, até agora, em conceitos referenciais de significado (ULLMANN 1961, p. 139).

Nesse sentido, a definição do significado pode incluir todas os vocábulos, todos os elementos gramaticais, locuções, sons e acentos e servir como configurações que podem mudar e favorecer as mudanças da língua a partir da Semântica.

As mudanças de significado podem ser provocadas por uma infinita multiplicidade de causas e só podem ser estabelecidas pela reconstrução do fundo histórico, como forma de emprestar uma palavra velha a um sentido totalmente novo, por exemplo, a palavra tomada de empréstimo de outra língua, tal palavra pode ser escrita como na língua original e adaptada à língua que se apropriou dela. Segundo o referido autor, é possível identificar algumas causas para uma proporção de mudanças semânticas, a saber:

Quadro 01 – Possíveis causas que influenciam o uso da língua

Causas linguísticas: São devidas as associações que estão sujeitas na fala, quando o sentido de uma palavra pode ser transferido para outra, porque ocorrem simultaneamente em muitos contextos.
Causas históricas: Quando a língua é mais conservadora que a civilização material ou moral, objetos, instituições, ideias e conceitos científicos mudam no decorrer do tempo; assim assegura o sentido de tradição e continuidade.
Causas sociais: Quando a palavra passa de linguagem vulgar para uma nomenclatura especializada, um ofício, arte, profissão ou algum grupo específico; requer um sentido mais restrito quando vem de uma linguagem habitual a ampliar seu significado.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Assim, as causas linguísticas são como uma combinação de traços estruturais logicamente independentes, sendo consideradas pertinentes aquelas propriedades que permitem fazer mudanças na língua, isto é, um tipo de conjunto de propriedades independentes, mas relacionadas, qualquer uma dessas propriedades será pertinente a proporção das causas.

Marques (2003) enfatiza que,

Estudar o significado dentro de uma perspectiva lógica busca “[...] explorar os mecanismos de avaliação e determinação de relações e valores simbólicos, em especial, as condições de verdade proposicional e de predicação, de sentenças e entre sentenças, de enunciados e entre enunciados” (MARQUES, 2003, p. 16).

Nessa perspectiva, o contexto é um dos elementos mais importantes que compõe um texto escrito, ele tem a função essencial de demonstrar o sentido presente em um determinado texto, ou seja, define a Semântica principal de uma pressuposição e o que vai determinar as sentenças é “[...] o conhecimento compartilhado dentro de um contexto que será formado por

um conjunto de proposições que são aceitas tanto pela falante quanto pelo ouvinte” (MOURA, 2003, p. 19).

Além disso, o contexto também tem grande influência no estudo da significação, uma vez que o significado depende das situações conversacionais em que elas são empregadas. Sobre isso, Melo (2006) explica:

Uma demonstração de que os pressupostos de uma sentença envolvem o fluxo conversacional, pode ser encontrada numa série de exemplos, citados na literatura sobre o assunto, em que a determinação ou não do pressuposto de uma sentença depende do contexto conversacional e do conhecimento compartilhado dos interlocutores (MOURA, 2003, p. 23).

Assim, a descrição e pressuposição, dependem de um processo no qual existem alguns modos de referência. Isso denota as expressões linguísticas que são empregadas como nomes próprios, através dos predicados e o preenchimento de uma variável, ou seja, o conhecimento compartilhado como o elemento textual que embasa o uso do pressuposto.

O contexto tem um sentido técnico para o autor, “[...] um conjunto de proposições assumidas como verdadeiras pelos participantes de um discurso, num certo ponto do discurso”. Nisso, os interlocutores assumem um conjunto de proposições na medida em que a conversação avança pelo processo da conversação” (MOURA, 2006, p. 24).

Em algumas conversações, a depender do contexto na conversação, a implicatura se deve ao desejo de distinguir dois fenômenos linguísticos. Primeiro, o fenômeno do acarretamento em que se infere uma expressão com base no sentido literal de outra. Segundo, a derivação de um sentido passa obrigatoriamente pelo contexto conversacional. Podemos concluir que a pressuposição é um fenômeno que depende de um contexto definido como conhecimento compartilhado entre os interlocutores.

Segundo Moura (2016), há duas visões da significação na Linguística (tradição semiológica e tradição lógica) e estas são feitas através de duas tradições construída a partir de ideias opostas. A primeira é identificar o que produz a significação quando ligamos uma palavra à outra, tenta sistematizar os conjuntos de relações de significação relevante para a produção dos enunciados. A segunda é traçar na estrutura semântica do enunciado como se dá a ligação entre as coisas que permitem recuperar ou representar os fatos do mundo.

Sobre as fronteiras entre Semântica e Pragmática, Moura (2016) afirma que:

A fronteira entre semântica e pragmática é normalmente traçada a partir da noção de contexto. A significação que independe de contexto é colocada no campo da semântica, e a significação contextualmente dependente é colocada no campo da pragmática; o problema é que uma definição precisa de contexto raramente é fornecida, e a divisão entre semântica e pragmática continua muito fluida (MOURA, 2006, p. 67).

Assim, o sentido de uma sentença pode ser descrito como uma função de situações e significado, calculando o significado de uma sentença a partir do sentido e da situação em que ela é produzida. Com isso, temos uma fragmentação do sentido, o sentido propriamente dito e o significado.

Sobre alguns conceitos básicos da Semântica, teremos a proposição que seria o conteúdo da sentença, envolve tudo que é relevante para uma descrição, e a asserção é o ato da fala que faz uso do conteúdo proposicional implicando em dizer se a sentença é verdadeira, ou seja:

A verdade, nessa perspectiva, está conectada à forma pela qual a proposição representa o mundo. As condições de verdade de uma proposição são as condições pelas quais ela é uma representação do mundo, ou mais especificamente, as condições nas quais a proposição é verdadeira (ou falsa) (MOURA, 2006, p. 11).

Sendo assim, essa perspectiva de realidade envolve como o mundo ver as condições dentro da fala, turno que torna relevante para a proposição da sentença.

1.1.3 Campos Semânticos / Temáticos

Em teorias semânticas, como a Semântica dinâmica, o foco principal é sobre a troca de informação entre os falantes, existindo dois tipos de informação a serem consideradas. O primeiro é a informação sobre o mundo, envolve questões sobre os fatos, processos indivíduos e objetos do mundo. Um outro tipo é a informação discursiva, que envolve dados sobre o próprio fluxo do discurso e da conversação.

Para isso, é preciso delimitar em uma conversação, os objetos e indivíduos sobre os quais se está falando e as referências das variáveis discursivas. Somente a partir das informações discursivas é que se pode passar a informação sobre o mundo. Por exemplo, a anáfora se situa para a Semântica dinâmica no campo da informação discursiva, fazendo parte dos mecanismos que propiciam os falantes de manter o controle sobre o que já foi enunciado em um discurso.

Os vocábulos servem para referir as coisas e os seres, e cabe à Semântica explicitar essa simbolização que leva as coisas e a determinação de referência vai depender dos componentes semânticos. Fica explicitado que a Semântica é a menção das sentenças isoladas, mais precisamente em uma forma contextual de modo que o conteúdo corresponde a forma como ele afeta o contexto em que foi produzido.

Dessa forma, considera e entende-se por campo semântico um aglomerado de unidades léxicas em torno de um conceito, formando uma rede de significações. Segundo Lopes, (1993)

Supunha que os sentidos organizados linguisticamente abarcam todo o campo da realidade, ao qual se ajustam como as peças de uma quebra-cabeças, sem deixar vazios, de tal modo que cada campo semântico se forma coerentizando internamente

determinada parte do material léxico de cada língua, e, ao mesmo tempo, delimitando-se exteriormente por muitos campos semânticos da mesma língua (LOPES, 2007, p.242).

Nesse sentido, Lopes (1993) reforça que um campo semântico deixa-se dividir em subsistemas que incluem, por sua vez, novas divisões e, assim, acabam por formar campos associativos.

Ullmann (1961) relata que “os campos associativos podem também fornecer uma resposta inesperada, a problemas etimológicos desconcertantes” (ULLMANN, 1961, p. 507). Estruturando uma pesquisa pela teoria dos campos semânticos, torna-se possível compreender o trabalho de associação de sentidos de determinadas, já que esta estruturação oferece subsídios vastos sobre as várias associações que podem ser feitas com quaisquer vocábulos. Ullmann afirma que:

a teoria dos campos fornece um método valioso para abordar um problema difícil, mas de crucial importância: a influência da linguagem no pensamento. Um campo semântico não reflete apenas as ideias, os valores e as perspectivas da sociedade contemporânea; cristaliza-as e perpetua-as também; transmite às gerações vindouras uma análise já elaborada da experiência através da qual será visto o mundo, até que a análise se torne tão palpavelmente inadequada e antiquada que todo o campo tenha que ser refeito (ULLMANN, 1977, p. 523).

Sendo assim, a partir dos campos semânticos, podemos perceber a influência da linguagem para as perspectivas do significado no qual pode ser possível identificar vários sentidos dentro de um determinado texto.

1.2 Visões sobre o diminutivo

Nessa seção, serão descritas as considerações de algumas obras acerca das diversas análises relacionadas a distribuição das formas *-inho* e *-zinho*, aferindo suas respectivas frequências de uso, bem como a probabilidade de aplicação de ambas as formas diminutivas diante de seus contextos de uso no Português Brasileiro.

1.2.1 Dicionários de Língua Portuguesa

Cabe a essa subseção demonstrar o que alguns dicionários dizem a respeito do diminutivo. Foram escolhidos cinco dicionários para a descrição, evidenciado os caminhos percorridos na criação dos vocabulários, bem como o significado do diminutivo, como aponta o Quadro 02, por ordem cronológica.

Quadro 02- Dicionários da Língua Portuguesa

ANO	TÍTULO	AUTOR/AUTORES
1973	Dicionário de Linguística	Jean Dubois
1982	Dicionário etimológico nova fronteira da Língua Portuguesa	Antônio Geraldo Cunha
1998	Michaelis: Moderno dicionário da língua portuguesa	Rosana Trevisan e Walter Weiszflög
2002	Dicionário de usos do português do Brasil	Francisco S. Borba
2011	Dicionário Didático da Língua Portuguesa	Rogério de Araújo Ramos

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Os dicionários compilam dados sobre a classe gramatical, a regência e a divisão silábica, bem como, trazem orientações sobre a pronúncia, sinônimos, antônimos e os termos derivados ou relacionados, além de ser possível encontrar, na maioria deles, as formas femininas, masculinas, singulares, plurais, aumentativas, superlativas e os diminutivos.

Nesse sentido, Dubois (1973) retrata a existência de cerca de dois mil verbetes, com um sistema de referências cruzadas que os articulam entre si, os conteúdos dos verbetes variam conforme sua importância. Neste dicionário, o significado da palavra é consentido a ideia do significado do termo “diminutivo” em relação aos conceitos que as gramáticas trazem, a ideia de um ser com seu tamanho pequeno e geralmente tem em seu contexto afetividade ou familiar. De conformidade com a ideia posta, para ele:

Os sufixos diminutivos se juntam a uma base léxica de substantivo próprio ou comum, adjetivo ou mesmo advérbio para apresentar o ser, objeto ou a qualidade com pequeno ou insuficiente. Os derivados assim obtidos podem vir a torna-se intensivos; -inho/-inha, -zinho/zinha, -ito/-ita e etc (DUBOIS, 1973, p.190).

Visto isso, Cunha (1986) aborda a etimologia como a ciência que investiga a origem dos vocábulos e a sua evolução histórica ao longo dos anos. Com o intuito de contribuir para o desenvolvimento da lexicografia portuguesa, em seus aspectos, se reveste de uma soma de informações atualizadas na época, estabelecendo critérios metodológicos, rígidos e coerentes, além da linguagem simples clara e objetiva. Neste dicionário, o significado da palavra surge a partir de 1813 e provém do latim *diminutivus*, de *diminutus*, participio passado (part. pass.) de *diminuere*.

Trevisan e Weiszflog (1998) desenvolveram, ao longo de dez anos, a construção dos verbetes e contou com a dedicada colaboração de 84 profissionais especializados. No dicionário, foi dada ao registro que surgiram com o desenvolvimento das ciências e tecnologias, além da inclusão dos neologismos da linguagem padrão, regionalismo, gíria e do baixo calão, além de apresentar recursos gráficos que procuram facilitar a leitura e dar acesso imediato à informação. Neste dicionário, o significado da palavra é: di.mi.nu.ti.vo adj. (lat. diminutivo) que diminui, uma palavra que indica um grau inferior, em grandeza ou importância, da ideia representada por outra da qual deriva (*florzinha*) palavra ou desinência diminuta, objeto semelhante a outro, só que menor.

Assim, Borba (2002) pretende, em uma versão atualizada do dicionário, prover aos usuários da língua escrita, um instrumento eficiente de agilização do uso escrito tanto na recepção como na criação de textos, além de fornecer elementos de avaliação das propriedades sintático-semânticas do léxico. Neste dicionário, o significado da palavra consente o significado do diminutivo [*Nm*] forma que indica diminuição: *pombinha* coisa nenhuma.

Em Ramos (2011), encontram-se uma discussão sobre as normas do acordo ortográfico da Língua Portuguesa de (1990), publicado pela Academia Brasileira de Letras. A seleção de *corpus* foi feita com vocábulos mais usuais do léxico do Português atual e do destaque para alguns termos utilizados no dia a dia, como termos, gírias, termos exponenciados pela mídia, neologismo, estrangeirismos e etc.

Há uma pertinência a ser observado quanto às características que o referido autor utiliza para definir as classes gramaticais, registros de usos, definições, expressões, remissões sinônimos e antônimos e alguns exemplos de uso para contextualizar vocábulos que possam apresentar alguma dificuldade, por serem abstratas ou polissêmicas. Neste dicionário, o significado da palavra é: que diminui ou indica diminuição. Em português, o sufixo *-inho* tem valor diminutivo; já na gramática, palavra formada por um sufixo que indica diminuição.

Os dicionários também consentem um significado bastante relativo ao nome, alguns provém do latim e outras foram designadas com o passar do tempo, e quando se refere ao grau ainda consente a uma das flexões às quais se submetem os substantivos, visto sob uma ótica inferior, embora entendida não só no seu sentido pejorativo. Os diminutivos nem sempre indicam diminuição de tamanho, e a depender de como são colocados no contexto, podem assumir as mais diversas significações.

1.2.2 Gramáticas de Língua Portuguesa

Nessa subseção, serão demonstrados os aspectos do diminutivo e o que algumas gramáticas trazem a respeito deste, aspectos das unidades da Língua Portuguesa e as suas diversidades, particularmente no que diz respeito à funcionalidade do sufixo e o grau. Uma atenção se deu às semelhanças do seu significado, uso e variedades.

Esses aspectos serão evidenciados por meio de 10 gramáticas, conforme o Quadro 03, por tipos de gramática, serão: gramática histórica (duas), a gramática tradicional/normativa (três), gramáticas de usos/ descritivas (três) e pedagógica (duas), que serão apresentadas conforme as tipologias.

Quadro 03 – Gramáticas da Língua Portuguesa

ANO	OBRA	AUTOR/AUTORES	TIPO
1976	Gramática Histórica	Ismael de Lima Coutinho	Histórica
1964	Gramática Histórica da Língua Portuguesa	M. Said Ali	Histórica
2002	Gramática Normativa da Língua Portuguesa	Rocha Lima	Tradicional/ Normativa
2019	Moderna Gramática Portuguesa	Evanildo Bechara	Tradicional/Normativa
2001	Novíssima Gramática da Língua Portuguesa	Domingos Paschoal Cegalla	Tradicional/ Normativa
1971	Nova Gramática do Português contemporâneo	Celso Cunha e Lindley Cintra	Tradicional/Normativa
1989	Gramática Pedagógica	Roberto M. Mesquita e Cloder R. Martos	Pedagógica
2013	Gramática Reflexiva, texto semântica e reflexão	William Cereja e Thereza Cochar	Pedagógica
2001	Gramática	Faraco e Moura	Pedagógica
2005	Gramática Descritiva do Português	Mario A. Perini	Usos/Descritivas

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Levando em consideração que, não há um único conceito definido e depende da perspectiva que os gramáticos retratam, pois, quando a língua está em uso, há de se considerar

os contextos de interações no qual os termos *-inho* e *-zinho* são empregados e, a partir destes que, podemos perceber as manifestações do uso do diminutivo e a exposição deste fenômeno.

1.2.2.1 Gramáticas Históricas

Em Coutinho (1976), há uma breve introdução do que são o aumentativo e o diminutivo. O autor diz que” [...] GRAU é a propriedade que tem o nome de indicar ideia maior ou menor que a normal, qualitativa ou quantitativamente” (COUTINHO, 1976, p. 231). Há também dois processos para formar o grau:

1. Orgânica ou sinteticamente - por meio de sufixos, como: *casarão, filhinho, caríssimo*.
2. Inorgânica ou analiticamente - por meio de adjetivos ou advérbios, como: *casa grande, livro pequeno, muito justo*.

Segundo o referido autor, graus do substantivo são aqueles que aumentam ou exageram a ideia das coisas, diminuem ou atenuam. No português, o diminutivo forma com certos adjetivos (pequeno, minúsculos) ou com sufixos especiais. (*-inho, -ito*). No latim, há vários sufixos para indicar a ideia diminutiva e alguns se tornaram populares, em português, como por exemplo, a ideia de carinho. Sobre isso, o autor traz os diminutivos mais usuais:

-inho, -im, do latim – inu. Este sufixo servia para formar adjetivos latinos: caninus, asinius. So posteriormente é que adquiriu sentido diminutivo. É costume intercalar a consoante de ligação –z- entre o tema e este sufixo, quando a palavra a que ele se ajunta termina em vogal acentuada ou nasal e ditongo: café-z-inho, sofá-z-inho, vinten-z-inho, pai-z-inho, órgão-z-inho (COUTINHO, 1976, p. 241).

Sabemos que algumas já assumiram sentido pejorativo, e que os sufixos diminutivos mais usuais estão na língua falada que é abundante em sufixos diminutivos.

Em Said Ali (1931), há apontamentos do significado entre as dimensões inferiores, quanto ao conceito médio que forma um nome qualificativo juntando o sufixo em função diminutiva, exemplo: *mesa pequena, mesinha; jardim pequeno. jardinzinho*, pois:

Nomes derivados de outros por meio de taes suffixos chamam-se diminutivos. O suffixo -inho -inha accrescenta-se directamente ao vocábulo terminado em consoante (lugarinho), e, se o substantivo terminar por vogal pura atona, esta será previamente suprimida (livrinho). Nao serve este suffixo para as palavras terminadas em vogal nasal, em vogal pura tónica ou em ditongo. É necessário substituí-lo então por -zinho, -zinha (podee graphar-se depois de vogal -sinho, -sinha); jejumzinho, -pásinha, liçasinha, paisinho, maisinha. Pode-se usar este suffixo -zinho também para os demais substantivos, a que se ajunta directamente, e é em geral a forma preferida (SAID ALI, 1931, p. 46).

Há, também, percepções de que, o diminutivo exprime em seres pequenos, como crianças, animais, delicados em pequenas proporções e associa-se ao sentimento de carinho sob a forma diminutiva que, na verdade, não são pequenos, mas estende seu uso ao usar adjetivos. Em alguns casos, o adjetivo em *-inho* é usado com o valor superlativo: *bolsa cheinha*, *prato limpinho* (= *perfeitamente limpo*), etc.

As gramáticas históricas trazem abordagens sobre as mudanças da língua ao longo dos anos, e no ponto de vista dos autores, essas mudanças formam opiniões semelhantes, indicando que ambas explicam o diminutivo da mesma forma. É apenas na ideia de algo com seu tamanho diminuído ou pequeno, no qual os sufixos se juntam com os adjetivos para formar o grau.

1.2.2.2 Tradicional/Normativa

Lima (2002) traz o grau do substantivo como analiticamente ou sinteticamente, o analítico se constrói com o adjetivo grande e o diminutivo analítico com o adjetivo pequeno, tratando-se de um processo de adjetivação. Sobre o diminutivo, o referido autor afirma que:

O diminutivo sintético se expressa com os sufixos *ito*, *ulo*, *culo*, *ote*, *ola*, *im*, *elho* e, sobretudo, *-inho* e *-zinho*. Este último é obrigatório quando o substantivo terminar em vogal tônica, ou ditongo: *café*, *pai* – *cafezinho*, *paizinho*. Em regra, os diminutivos encerram ideia de carinho. Com esse intuito, junta-se o sufixo até a adjetivos: *limpinho*, *bonitinho*, *pequenito*, etc (LIMA, 2002, p. 86).

Desse modo, muitos aumentativos e diminutivos são meramente formais, isto é, não encerram ideia de aumento ou de diminuição. Estão no caso, por exemplo, *cartaz*, *cartilha*, *cavalete*, *dentuça*, *ferrão*, *flautim*, *papelão*, *portão*, *folhinha* (= *calendário*), *corpinho* (*peça de vestuário*), etc.

Bechara, em *Moderna Gramática Portuguesa* (2019), propõe que:

os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam (BECHARA, 2019, p. 91).

A maioria dos sufixos tanto no diminutivo e aumentativo tem sentidos pejorativos ou afetuosos. No diminutivo, podemos exemplificar alguns que são usados diariamente como: *livrinho*, *livrozinho*, *dormindinho*, *florzinha*, *casinha*, *irmãozinho*, *irmãzinha*, *boazinha*, *homenzinho* e etc. Existem alguns procedimentos de formação e as funções paragramáticas são implicadas, podemos ter, entre outros: “[...]a) uma mudança do gênero “natural” (sexo): rei Õ rainha; galo Õ galinha; b) uma quantificação: 1) para diminutivos (carro Õ carrinho; doente -

doentinho; c) repetição: fazer Õ refazer; d) negação: leal Õ desleal; útil Õ inútil” (BECHARA, 2019, p. 93).

Além de transmitir a ideia de tamanho, a mudança pode traduzir nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco-caso para certos objetos e pessoas, não será sempre que o diminutivo será usado para transmitir uma ideia pejorativa e afetiva.

Cegalla (1990) apresenta o grau do substantivo como a propriedade têm de exprimir as variações e tamanhos dos seres. O grau exprime um ser com seu tamanho normal diminuído e pode ser formado sinteticamente ou analiticamente. Segundo o autor, as formas diminutivas exprimem, frequentemente, carinho, ternura, afetividade: *filhinho, avozinha, mãezinha, Carlito, Antoninho*.

No que se refere às escolhas entre os prefixos,

-inho(a) e *-zinho(a)* é condicionada pela acentuação tônica e a terminação dos vocábulos. Os proparoxítonos, por exemplo, e os terminados em sílaba nasal, ditongo, hiato ou vogal tônica recebem o sufixo *-zinho(a)*: *lampadazinha, irmãozinho, heroizinho, bauzinho, ruazinha, cafezinho*. Recebem o sufixo *-inho* as palavras terminadas em *-s* ou *-z*, ou em uma dessas consoantes seguida de vogal: *paísinho* (pequeno país), *rapazinho, princesinha, rosinha, belezinha*, etc (CEGALLA, 1990, p. 154).

Na linguagem emotiva e coloquial, é comum o emprego de adjetivos com as flexões próprias do diminutivo. Exemplos: *menino bonzinho, garota bonitinha, garoto espertinho, areia branquinha, café quentinho, moço bonitão, homem espertalhão, criança gorducha e moleirona, avô bonachão*.

Cunha e Cintra (1985) trazem uma descrição sobre o diminutivo como um sufixo nominal que tem valor mais afetivo que lógico. O valor e emprego são expressos da seguinte forma:

-(z)inho, -ino, -im. Os sufixos *-inho* e *-mo* provêm do latim *-inus*. A forma tipicamente portuguesa é *-inho*; *-ino*, variante erudita, só aparece com valor diminutivo em um restrito número de palavras; *-im* é importação do francês *-in*, ou do italiano *-ino*, através da forma francesa. Compare-se: *tamborim*, do francês *tambourin*; *festim*, do francês *festin*, por sua vez derivado do italiano *festino*. O sufixo *-inho (-zinho)* é de enorme vitalidade na língua, desde tempos antigos. Junta-se não só a substantivos e adjetivos, mas também a advérbios e outras palavras invariáveis: *agorinha, devagarinho, sozinho, adeusinho*. (CUNHA; CINTRA, 1985 p.106).

No caso dos vocábulos terminados em *-s* e *-z*, que naturalmente exigem a forma *-inho* (*piresinho, rapazinho*), não é fácil indicar as razões que comandam a escolha entre *-inho* e *-zinho*.

Segundo os autores, muitas vezes, a seleção está ligada ao ritmo da frase, verifica-se uma preferência na linguagem culta pelas formações com *-zinho*, no evidente intuito de manter

íntegra a pronúncia da palavra derivante, no caso, a linguagem popular, simplificando por excelência, tende para as formações com *-inho*, por exemplo, as formas alternantes *baldezinho* - *baldinho*, *xicarazinha* - *xicrinha*, etc.

Vale destacar que os autores veem o valor das formas diminutivas, nem sempre indicando o tamanho de um ser, pode indicar ao leitor ou interlocutor que, aquele que fala ou escreve, põe a linguagem afetiva no primeiro plano, comunicando ideias ou reflexões, resultantes de profunda meditação, mas o que quer é exprimir, de modo espontâneo e impulsivo, o que sente, o que o comove ou impressiona, quer seja carinho, saudade, desejo, prazer, quer, digamos, um impulso negativo, como: troça, desprezo ou ofensa. Assim, se encontra no sufixo diminutivo, um meio estilístico que elide a objetividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, mas, às vezes, também mais vaga.

Levando em consideração o termo *diminutivo*, os autores Lima (2002), Bechara (2001) e Cegalla (1990) têm perspectivas semelhantes, afirmam que o significado exprime o termo para ser apenas um mero significado vago nos vocábulos *afetividade*, *carinho*, *desprezo* e descartando as complexidades de significado que podem expressar em uso na Língua portuguesa.

Lima (2002), ainda acrescenta: “[...] em regra, os diminutivos encerram ideia de carinho” (LIMA, 2002, p. 156) e fica nisso, ou seja, o autor dedica apenas uma frase para o tema do sufixo *-inho*. Como mencionado, os gramáticos, parecem não se interessarem pela questão e se ocupam, apenas, em apresentar uma extensa lista de sufixos capazes de formar diminutivos.

Os autores Cunha e Cintra (1985) estabelecem diferentes padrões de significados dando espaço para que o sufixo revele uma da sua maior criatividade, de identificar dentro de um contexto o comportamento semântico do mesmo, e assim, abrindo as possibilidades para diversas análises.

1.2.2.3 Pedagógicas

Mesquita e Martos (1989), definem os sufixos como nominais, e este pode ter valor diminutivo como: - *inho* (a): *livrinho*, *plantinha* - *zinho* (a): *cãozinho*, *florzinha*. O grau diminutivo indica que o ser foi diminuído em seu tamanho e este pode ser analítico – quando o substantivo é empregado ao lado de um adjetivo que indique diminuição e sintético – quando é formado por meio de sufixos que indique diminuição.

Cereja e Cochar (2013) afirmam que a maioria dos sufixos presentes na língua portuguesa é de origem latina. Os sufixos podem ser nominais e verbais: os nominais formam substantivos e adjetivos; os verbais formam verbos.

Na relação, há alguns sufixos e seus significados:

- -aça, -aço, -alhão, -anzil, -ão, -arra, -ázio indicam aumento: *barcaça, balaço, brincalhão, corpanzil, pobretão, bocarra, copázio*.
- -acho, -ebre, -ejo, -eto, -eta, -ico, -inha, -inho, -zinho, -zinha indicam diminuição: *riacho, casebre, lugarejo, poemeto, saleta, burrico, caixinha, livrinho, chapeuzinho, avezinha*.

Faraco e Moura (2001) retratam uma breve contextualização do que seria flexão de grau:

São as mudanças efetuadas na terminação para indicar tamanho nos substantivos e intensidade nos adjetivos. O grau, algumas vezes, não indica intensidade ou tamanho, mas expressa apenas estado emotivo. Exemplo: Que doutorzinho, hein! (ironia). Filhinho, venha cá. (carinho) (FARACO; MOURA, 2001, p. 204).

Os sufixos, para os autores, podem ser utilizados para expressar carinho ou depreciação. Exemplo: *Aquele cantorzinho fez sucesso, quem diria!* (depreciativo). A observação, no plural, se dá ao acréscimo do sufixo *-zinho* que acarreta mudança de flexão da palavra-base, contrariando a tendência da língua que é flexionar apenas o último elemento pra indicar plural. Exemplo: Pastel= *pastelzinho – pasteizinhos*.

As gramáticas pedagógicas fornecem uma abordagem única sobre os sufixos e seu uso na língua portuguesa, abrangendo desde a forma como alteram o tamanho das palavras até sua implicação emotiva. Elas oferecem uma perspectiva ampla sobre a riqueza e a variedade dos sufixos na língua, tanto em sua função estrutural quanto no seu impacto emocional e expressivo.

1.2.2.4 Usos/descriptivas

Em Perini (2005), encontra-se um subcapítulo nomeado como “Forma e Significado” e reflete sobre as unidades linguísticas e os dois aspectos fundamentais que são adotados para estudar a língua.

Apresentam uma unidade de como a palavra *reloginhos* pode ser estudada do ponto de vista formal, e nesse caso, levasse em conta sua pronúncia, sua composição morfológica (radical *relog-*, sufixo *-inho*; sufixo *-s*) e seu comportamento sintático, admitindo a anteposição do artigo *os*, mas não do artigo *as-*, podendo constituir o núcleo de um sintagma nominal. Por outro lado, a mesma palavra *reloginhos* pode ser estudada do ponto de vista semântico, isto é, do significado. Nesse caso, teremos de levar em conta seu significado básico: objeto para indicar as horas e o fato de denotar objeto relativamente pequeno; o fato de indicar mais de um desses objetos. Segundo o autor,

Os dois aspectos, o formal e o semântico, estão presentes na palavra *reloginhos*, mas precisam ser separados na descrição. Essa separação é fundamental quando se estuda a gramática, porque a relação que existe entre as formas gramaticais e o significado que elas veiculam é extremamente complexa e indireta (PERINI, 2005, p. 38).

Assim, os aspectos para a construção de significado podem ser estudados tanto do ponto de vista formal e semântico, pois, quando se estuda as unidades linguísticas, é possível perceber todas as formas gramáticas existentes na língua.

1.2.2.5 Comparação entre as Gramáticas

As gramáticas de Cunha e Cintra (1985) e de Perini (2005) são a que mais alinham com a análise que pretendemos fazer, pois os autores desconstruem a ideia comum de que a presença do sufixo *-inho* caracteriza o diminutivo e apresentam outros significados diferente da noção de tamanho, afetividade e etc.

As gramáticas pedagógicas são vistas como aquelas que se tornaram necessárias para o desenvolvimento da competência na escrita, pois, em regras, elas são essenciais no processo ensino-aprendizagem do aluno. Entretanto, quando se trata do diminutivo, os autores abordam como um sufixo que se junta com nominais e adjetivos para formar uma palavra com valor diminutivo, ou seja, ainda consentem a ideia só no seu significado sem dar conta dos termos de usos que estas podem oferecer se colocadas em alguns contextos.

Nos quatro tipos de gramáticas analisadas, é evidente a presença de aspectos semelhantes. As gramáticas históricas, normativas/tradicionais e as pedagógicas nem sempre estão associadas a um contexto em que o significado delas esteja ligado exclusivamente à ideia de afetividade, carinho ou desprezo, pois existem outras possibilidades.

Cunha e Cintra (1985) abordam o termo como algo notável, que pode ser estudada do ponto de vista gramatical. Entretanto, os autores extrapolam os conceitos que definem o que é *certo* e *errado* no sistema linguísticos, enfatizando que aquele que fala ou escreve ver valores afetivos, mas quem investiga a língua em uso ver o valor da objetividade nos vocábulos.

1.3 Pesquisas acadêmicas

Foram encontradas algumas pesquisas que abordaram o uso do diminutivo nas mais diversas áreas da Linguística, como demonstra o Quadro 04. Serão apresentadas 10 pesquisas em ordem cronológica, trazendo o ano, título do trabalho e o nome autor/autores.

Quadro 04 – Algumas pesquisas realizadas com o diminutivo

ANO	PESQUISAS	AUTOR/AUTORES
2006	O Diminutivo no Português do Brasil: Funcionalidade e Tipologia	Elisabeth Alves
2008	Sobre a descrição das dimensões semânticas e pragmáticas do diminutivo em Português	Johanna Turunen
2008	Uma Reflexão acerca do emprego do sufixo diminutivo no português do Brasil	Agenor Gonzaga dos Santos e Sueli Maria Coelho
2010	O Diminutivo e suas demandas	Leda Bisol
2012	Estudo das formas aumentativas e diminutivas em Português arcaico	Thais Holanda Abreu
2013	A Alternância do Diminutivo <i>-inho</i> e <i>-zinho</i> no Português Brasileiro: um enfoque variacionista	Myrian Azevedo de Freitas e Maria Fernanda M. Barbosa
2017	O Sufixo diminutivo em Português: forma, funcionamento e significação	Messias Dos Santos Santana
2019	Uma descrição Semântica para o uso do Diminutivo	<u>Carina Niederauer</u> Andréia Inês Hanel Cerezoli
2019	O Uso do diminutivo <i>-inho</i> e suas possíveis significações pelo viés da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) e da Linguística Formal	Fabiana Soares da Silva e Cristiane Dall Cortivo Lebler
2022	Valores e usos do diminutivo <i>-inho</i> no Português Europeu e no Português do Brasil	Graça Rio-Torto

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

As pesquisas apresentadas, evidenciam que o fenômeno do diminutivo é objeto de ampla discussão no contexto Brasileiro. Essas investigações vão além da mera análise do significado da palavra, abrangendo diversos resultados e conclusões. Os estudos têm explorado a complexidade do uso do diminutivo, considerando não apenas seu sentido literal, mas também suas implicações culturais, sociais e linguísticas. Além disso, as pesquisas revelam uma variedade de perspectivas teóricas, metodologias e abordagens utilizadas por estudiosos que buscam compreender a extensão e a profundidade desse fenômeno linguístico. Esse panorama diversificado de investigações contribui para uma compreensão mais abrangente e aprofundada do papel do diminutivo na Língua Portuguesa, enriquecendo o debate acadêmico sobre essa temática.

Alves (2006) examina o diminutivo do português, particularmente o sufixo *-inho* na perspectiva funcionalista, levando em consideração as expressões de noções semântica e funcional, explicando seus diversos usos. Para dar embasamento à pesquisa, a autora traz os caminhos percorridos e a metodologia utilizada pautada sobre o diminutivo. Primeiro, nos compêndios das gramáticas do português, citando alguns: Câmara (1970); Celso & Cunha (1985); Bechara (2001); Rocha (1998), e a metodologia usada em Haspelmath (2002), que fala em *categoria da intensificação* e a chama de *supercategoria* pois abrange diversos recursos, procura-se fazer jus à variedade de usos e valores aparentemente expressos pelo mesmo morfema e a mostrar não só a distribuição, mas também a funcionalidade do *-inho*.

Em relação aos termos linguísticos na pesquisa, torna relevante a questão do estatuto funcional do sufixo *-inho* no português, já que a noção de ‘tamanho reduzido’ pode ser expressa tanto sob forma analítica *casa pequena*, quanto sob forma sintética *casinha*, principalmente na expressão de *tamanho* com valor concreto. Sobre essas percepções, a autora enfatiza:

Quando os valores de ‘tamanho/quantidade/intensidade etc. reduzidas’ são atribuídas, e não inerentes, há geralmente uma entonação marcada, ou acentos específicos que destacam a unidade lexical do contexto. Em termos de padrões estruturais, observa-se restrições em relação a constituintes mais complexos (um menino – *unzinho menino), provavelmente com exceção de quantificadores (tagarelou a aula de história todinha). Também ocorrem formas oracionais mais peculiares, tais como exclamações, ou expressões fixas com *que* ou *tão* (Que casinha! É tão novinho!). Não obstante, não há como separar sempre o que é devido ao valor semântico, à entonação ou à estrutura envolvida, assim como há sobreposições e redundâncias possíveis (ALVES, 2006, p. 694).

É notório a distinção entre os sufixos *-inho* por sua diversidade funcional e discursiva e pela consideração da língua falada, com o fim de propiciar uma descrição adequada da língua portuguesa em uso e, entre outros motivos, para criar subsídios que beneficiem o ensino e a pesquisa.

Turunen (2008) avalia a proposta de alguns autores que, contribuem para o entendimento da interface entre as dimensões semânticas e pragmáticas no processo de formação de diminutivos na língua portuguesa. Expõe algumas problemáticas vistas nas gramáticas da língua portuguesa que, apresentam definições bastante reducionistas frente à complexidade do sufixo diminutivo. Segundo o referido autor, em muitos casos, a abordagem das gramáticas não passa de uma repetição dos conceitos herdados da gramática greco-latina. Seguindo a tradição normativa, as gramáticas, compêndios e manuais da língua portuguesa, só se preocupam em oferecer listas exaustivas de sufixos diminutivos sem muito detalhamento sobre os aspectos semânticos, muito menos pragmáticos ou sobre a produtividade dos elementos.

Sobre essa problemática, o autor menciona que,

Um dos maiores problemas detectados nas propostas teóricas é o tratamento limitado do significado e das funções que o diminutivo pode exercer: quando os outros significados além da diminuição não são completamente ignorados, observa-se uma tendência de tratar do sufixo diminutivo como um sufixo polissêmico, deixando de lado as suas dimensões pragmáticas. No entanto, a nosso ver, uma das questões mais fundamentais e interessantes ligadas ao diminutivo é justamente a capacidade dessas formações de manifestar uma variedade de funções pragmáticas e discursivas. A introdução da noção de ‘função’ na análise sobre o diminutivo significa sair do plano semântico e entrar na dimensão pragmática da análise (TURUNEM, 2008, p. 2).

Os tratamentos teóricos apresentados no trabalho referem-se às questões ligadas ao potencial de significação do diminutivo dão uma importância do sufixo *-inho* como um sufixo formador com a capacidade de ampliar seu significado e ser produtivo. No português do Brasil, também reconhecem a carga de significação frente às abordagens redundantes nas gramáticas.

Gonzaga e Coelho (2008) trazem um estudo acerca do emprego dos sufixos diminutivos ser usado com frequência na Língua Portuguesa. Porém, não se encontram, na maioria das gramáticas, orientações acerca dos fatores que motivam as escolhas que o falante faz pelo sufixo *-inho* ou *-zinho*, quando deseja empregar um substantivo na sua forma diminutiva. Segundo os autores,

Em situações de uso da língua que transcendem o discurso literário, também se verifica a variação entre as formas *-zinho* e *-inho*, que passam a funcionar como alomorfes. É comum depararmo-nos com determinadas ocorrências que parecem aceitar os dois sufixos, sem qualquer distinção semântica entre eles (GONZAGA; COELHO, 2008, p. 150).

Sabemos que a Morfologia é a área da gramática interna que estuda o morfema ligada aos sufixos e sua importância no processo de estrutura e formação de vocábulos. A alomorfia é a variação de um morfema sem a mudança de seus significados. Porém, quando os sufixos *-zinho* *-inho* são empregados, o sistema linguístico opta por uma construção de significado, ou seja, os sufixos começam a ter uma distinção de sentido no contexto em que se encontra e vai se adequando as variações semânticas que são encontradas, alterando ou revelando as diversas diversificações que podem ser encontradas ao empregar vocábulos com diminutivos.

Bisol (2010), tem como objetivo, ver as diferentes interpretações e análises do diminutivo no português do Brasil. No estudo, a autora desenvolveu a ideia de que existe apenas uma forma na base nominal, ao invés de ter *-inho* *-zinho*, se reveste de que o Z se sustenta apenas para exigências estruturais, e traz reflexões sobre essa alternância sob o viés da Teoria da Otimidade (TO). A autora cita a *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*, de Jerónimo Soares Barbosa, cuja primeira edição (1823) com prefácio de 1803 permite situá-la

no século XVIII, e fixa sua ideia da palavra sem a consoante epentética. A autora cita várias outras gramáticas da língua portuguesa e salienta que:

A hipótese que dirige estas linhas, já mencionada, é que o sufixo diminutivo é tão somente *-inho*, que se manifesta com *z-* epentético para satisfazer exigências estruturais, ou seja, para atender a certos princípios ativos na interação da morfologia com a fonologia que são fundamentais para organização deste derivativo (BISOL, 2010, p. 63).

Foi possível analisar que o diminutivo mais frequente da língua é tão somente *-inho* que se reveste de *-z* epentético para satisfazer as demandas de sua organização estrutural, sendo o meio mais produtivo de produzir diminutivo em Português e consiste em agregar *-inho* ou *-zinho* a uma base nominal.

Abreu (2012), analisa o estatuto prosódico do fenômeno aumentativos e diminutivos no Português Arcaico como formas simples ou compostas, a partir da adjunção dos sufixos de grau *-inno(a)* e variações, para o diminutivo, e *-on(a)*, para o aumentativo. Segundo o autor,

Trabalhar com fenômenos prosódicos considerando as formas aumentativas e diminutivas de um período passado da língua é algo inédito na medida em que o que se encontra a respeito de estudos de nomes aumentativos e diminutivos no âmbito fonológico são trabalhos realizados para o Português Brasileiro (PB), uma vez que o pesquisador encontra mais facilidade em comprovar dados orais de um período de língua atual, em que os falantes nativos estão vivos, do que em dados escritos de um tempo linguístico remoto (ABREU, 2012, p. 16).

Nesse sentido, trabalhar com nomes aumentativos e diminutivos é importante pois, é uma das formações derivacionais mais produtivas em língua portuguesa, visto que, a derivação de grau apresenta um comportamento prosódico peculiar. Assim, observando esses fatos, é importante pesquisar as origens históricas, investigando se essas formas se apresentavam no Português Brasileiro.

No trabalho de Freitas e Barbosa (2013), foram investigados os fatores que determinam os sufixos do diminutivo *-inho -zinho* e a alternância no português brasileiro. Também foi analisado a formação produtiva do diminutivo utilizando a técnica análise de variância multifatorial, estudando as variações de língua em uso na comunidade de fala, resultando em indicadores que afirmam se há interação entre os fatores, dialeto regional, gênero e faixa etária levantando em questão duas hipóteses: trata-se de uma única forma ou temos dois diminutivos distintos.

Segundo as autoras, os diminutivos está sendo um dos processos de construção mais produtivos no português brasileiro nos estudos de cunho linguísticos e nas tradições gramaticais, fonte de muitas observações por suas características na língua portuguesa, e as

hipóteses apresentadas na pesquisa revelaram que “[...] as tendências de uso que explicam a escolha do falante dentre dois sufixos diferentes que podem expressar o diminutivo. Em outras palavras, é a alternância de escolha do sufixo diminutivo a ser usado conforme a situação de uso” (FREITAS; BARBOSA, 2013, p. 23.)

Santana (2017) propõe analisar do ponto de vista formal, funcional e semântico dos sufixos diminutivos empregados em textos portugueses. É importante destacar que, para o autor, a construção da significação do diminutivo ocorre, ou pode ocorrer a partir da influência de fatores externos no âmbito da língua e a capacidade do sufixo diminutivo está sempre formando novos vocábulos.

Além disso, o autor traz a respeito dos aspectos semânticos enquanto as identificações dos significados do diminutivo na língua, os estudos sobre o diminutivo no latim, e afirma que este não se afasta das significações dentro de um contexto que os vocábulos podem trazer, ressaltando que este será também um dos objetos de estudos de nosso trabalho. O referido autor afirma que sob a perspectiva de sua semântica, os diminutivos com *-inho* identificados ao longo do século XIII não apresentam uma única significação, mas diversas, a saber: *tamanho pequeno*, aproximação afetiva positiva, *intensidade*, duração e quantidade (SANTANA, 2017, p. 306).

Verifica-se que, mesmo vocábulos que fazem referência a seres mensuráveis fisicamente podem assumir, em conformidade com o contexto, a significação de aproximação afetiva positiva e há alguns que apresentam simultaneamente mais de uma significação.

No trabalho das autoras Niederauer e Cerezoli (2019), foi realizado uma descrição de como o sentido é produzido no uso do diminutivo, fazendo uma análise de *corpus* da crônica de Luís Fernando Veríssimo “Diminutivo”, que retrata os diferentes usos do diminutivo no cotidiano brasileiro. O estudo contemplou a perspectiva da gramática normativa, teoria da argumentação da língua e a leitura sob o olhar enunciativo.

a pesquisa já indica que a descrição linguística do diminutivo como modificador proporciona explicações da constituição dos sentidos em nível intra e interlinguísticos consistentes teoricamente. Como usuários de língua, a compreensão do sentido produzido pelo uso de diminutivos, potencializa a produção escrita e a leitura proficiente de discursos nas mais diferentes interações (NIEDERAUER; CEREZOLI, 2019, p. 169).

Assim, é possível ressaltar a grande contribuição nessa pesquisa para a compreensão do diminutivo, como também um grande produtor de variáveis sentidos possíveis na perspectiva semântico-argumentativa.

Na pesquisa de Silva e Lebler (2019), a análise foi feita com a mesma crônica da pesquisa anterior, “Diminutivo” de Luís Fernando Veríssimo. A diferença está na forma que

esta foi construída, ao observar possíveis significações que alguns vocábulos derivados do sufixo *-inho* e suas variantes podem receber, de acordo com o contexto que são empregadas.

As autoras ainda afirmam que, “[...] essa multiplicidade de usos, sentidos e interpretações só pode ser observada quando se leva em consideração a língua em uso, o que justifica a importância de se trabalhar com enunciados e discursos, ao invés de frases isoladas ou criadas apenas com a finalidade de serem tomadas como objeto de estudo” (SILVA; LEBLER, 2019, p. 172).

Assim, a carga semântica que os sufixos *-inho -inha* produzem na língua portuguesa é muito abundante, e as suas formas variantes podem transmitir muito mais que tamanho, expressam diferentes sensações, podendo resultar em diferentes interpretações e múltiplas significações que o diminutivo retrai os vocábulos.

A pesquisadora Rio-Torto (2022) propõe rever e analisar os sufixos *-inho* no português Europeu e no português do Brasil, reavaliando os valores sistêmicos e de uso que essas transmitem, dependendo do contexto situacional em que é usado a partir das suas diversas variáveis como: natureza, entonação, intensidade, intencionalidade, registro formal e informal.

Nas palavras da autora,

Do mesmo modo que a PEQUENO pode estar associado DESPREZO, também pode estar associado AFETO e COMPAIXÃO, que não estão apenas correlacionados com CRIANÇA, como o esquema deixa ver. Com efeito, AFETO, COMPAIXÃO, APREÇO, DESPREZO podem estar presentes num mesmo produto, quando usado em circunstâncias ilocutórias expressivas antagônicas, de APRECIACÃO e de DEPRECIACÃO, explicitadas, por exemplo, pela entoação apreciativa ou depreciativa usada. APRECIACÃO e DEPRECIACÃO são dimensões avaliativas que estão para além do próprio sufixo, que estão acima deste, e que moldam toda a construção ilocutória montada, para satisfazer determinados objetivos linguístico-pragmáticos e interlocutórios (RIO-TORTO, 2022, p. 34).

No estudo, é notório a presença dos valores semânticos e pragmáticos do uso do sufixo na língua portuguesa contemporânea nas suas diferentes latitudes:

A questão que se coloca é que, em função de diversas variáveis, a palavra em que o sufixo ocorre pode assumir valor não apenas diminutivo ou atenuativo, mas também intensificador, e pode igualmente, sob certas condições prosódicas, veicular semantismos não apenas apreciativos, os mais comuns, mas também depreciativos ou pejorativos. Por força de estratégias pragmáticas, os derivados em X-*inho* podem servir para estabelecer ou acentuar proximidade afetiva e intersubjetiva, cortesia (licencinha), delicadeza (obrigadinho), podem codificar eufemismo (palerminha, doença ruinzinha) ou mitigação de situações penosas ou desagradáveis (dorzinha), e, em virtude de estratégias discursivas, como a que envolve ironia, pode ter efeitos irônicos, contradizendo o efetivamente dito. A construção X-*inho* pode, assim, servir para expressar afeto e carinho (coleguinhas de férias), como também desamor (sujeitinho) e animosidade (espertalhãozinho) (RIO-TORTO, 2022, p. 34).

Importa identificar a panorâmica no texto, dos valores e usos do sufixo diminutivo -*inho*, em Português Europeu e do Brasil, que lhes permita usar eficazmente o sufixo, na sua interação com falantes nativos.

Os sufixos -*inho* e -*zinho* constituem um tema amplamente explorado e de grande relevância na linguagem, tanto formal quanto informal. As pesquisas elencadas oferecem uma visão abrangente desse fenômeno linguístico, evidenciando que os sufixos diminutivos continuam a desempenhar um papel dinâmico na língua portuguesa. Através da análise linguística, é possível compreender a riqueza e a complexidade desses fenômenos, explorando não apenas a forma dos vocábulos mas também seus significados e usos em contextos específicos.

2 METODOLOGIA

Nesta seção, serão apresentados os aspectos metodológicos utilizados no desenvolvimento da pesquisa. Essa pesquisa é de natureza qualitativa, em virtude do *corpus* coletado que objetivou em selecionar as unidades temáticas, organizando-as em campos semânticos, na tentativa de explicar o fenômeno do diminutivo presente na obra analisada.

2.1 Aspectos metodológicos

Primeiramente, a curiosidade surgiu a partir da leitura do livro *Terras do sem fim*, de Jorge Amado, no qual, foi observado que havia muitos vocábulos diminutivos na obra e que, poderia ser feita uma pesquisa a respeito desse fenômeno. Vale destacar que havia uma quantidade razoável de vocábulos no aumentativo, mas o interesse maior foi pelos vocábulos no diminutivo.

Assim, a partir de algumas leituras minuciosas, foi feito o levantamento de todas os vocábulos encontradas na obra com o sufixo, para ver a quantidade de *-inho* e *-zinho*. Segundo, foi feito no *word* o esboço do quadro de todos os vocábulos com suas respectivas frases e a organização de cada uma para análise de carga semântica.

Após essa etapa, foram utilizados recursos como, o Google Acadêmico e o Banco de Teses e Dissertações, uma plataforma importante mantida pela CAPES, que reúne trabalhos acadêmicos produzidos por pesquisadores brasileiros. Essa plataforma serve como um repositório valioso para o acesso a produções científicas em diversas áreas do conhecimento.

A busca nessas fontes visava selecionar pesquisas anteriores que abordam o uso do diminutivo, a fim de construir a revisão de literatura. Ao explorar esses recursos, foi possível identificar diversas áreas de estudo relacionadas a esse fenômeno linguístico, incluindo funcionalidades, dimensões semânticas, tipologias e possíveis significações, permitindo uma análise abrangente, destacando que o estudo do diminutivo não é isolado, mas abrange uma variedade de perspectivas e contextos.

Na sequência, foram realizados fichamentos de obras de teóricos para fundamentar a pesquisa, incluindo a análise de 10 gramáticas e cinco dicionários disponíveis na biblioteca da universidade. Além disso, foram examinadas 10 pesquisas acadêmicas na internet, buscando compreender os diferentes conceitos relacionados ao tema proposto.

Para enriquecer a base teórica, também foram consultados livros que abordam a história da semântica, sua relação com o contexto e os fundamentos da análise, que se concentrará nos

campos semânticos/temáticos. Essa abordagem abrangente visa proporcionar uma fundamentação sólida e diversificada para a pesquisa em andamento.

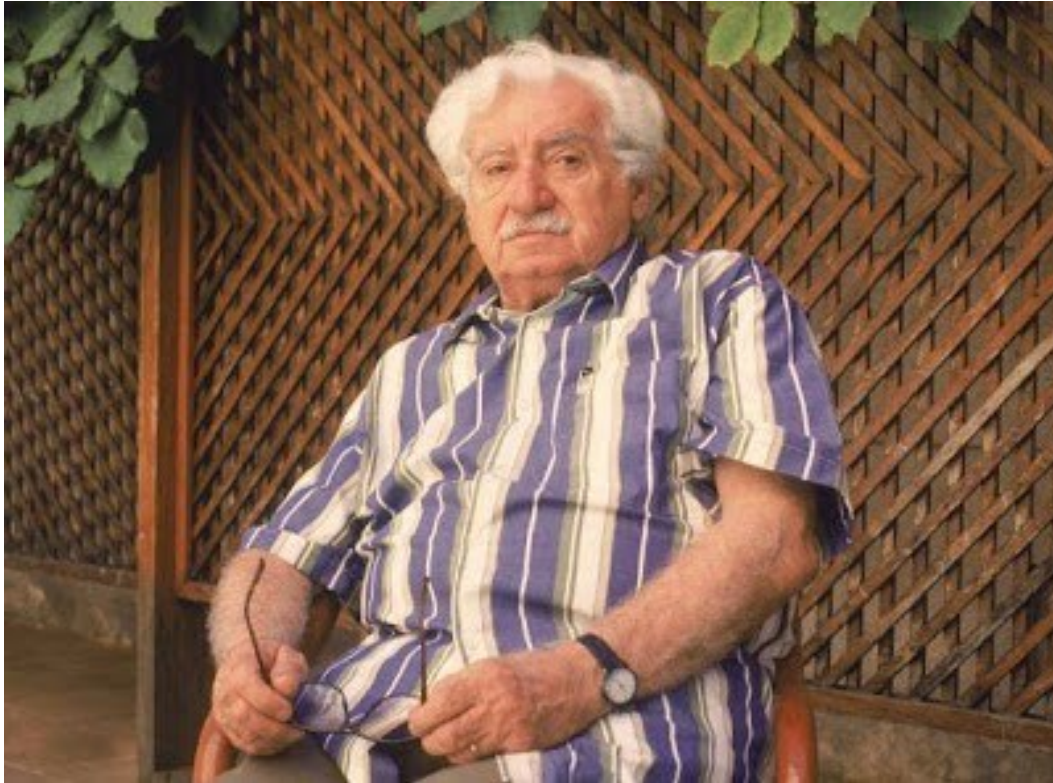
Em diálogo com o orientador, foi estabelecida a decisão de realizar uma análise aprofundada a partir da perspectiva da Semântica. O tratamento dos dados será conduzido por meio de uma abordagem minuciosa, explorando os campos semânticos/temáticos identificados na obra escolhida. A análise concentra-se na compreensão sólida do texto, examinando como os elementos linguísticos, em especial os sufixos diminutivos, interagem com a trama, contribuindo para a caracterização dos personagens e enriquecendo a narrativa. Essa análise permitirá identificar padrões semânticos, entender as nuances no uso do diminutivo e explorar as diversas camadas de significado que essa escolha linguística proporciona na obra.

2.2 Autor da obra

¹Jorge Amado de Faria, nasceu em 10 de agosto de 1912, em uma fazenda de cacau chamada Ferradas, distrito do município de Itabuna, Bahia. Com 1 ano e 5 meses de idade, seus pais se mudaram para Ilhéus, Bahia no início do século XX, quando as grandes lutas envolvendo o cacau começaram e seu pai ocupou a mata para conseguir um pedaço de terra, a luta da época era pra ver quem ficava com as melhores terras para o plantio de cacau que é, basicamente, a saga contada em *Terras do sem fim*.

¹ As informações sobre a vida do referido autor, foram retiradas do livro *Literatura comentada* (1981) no qual a seleção e os comentários são feitos por Álvaro Cardoso Gomes pela editora Brasil Educação.

Figura 01- Jorge Amado



Fonte: <https://exame.com/casual/jorge-amado-o-brasileiro-mais-proximo-de-ganhar-o-nobel/>.
Disponível em: 14 de set. 2023.

Assim, a família de Jorge Amado passa a residir definitivamente em Ilhéus, e a paixão de seu pai aumenta pela terra e a plantação, até conseguir juntar muito dinheiro e comprar um espaço na mata e começa a criar um plantio em Sequeiro Grande que era uma mata entre as fazenda e Ilhéus. Jorge pôde crescer assistindo e vivenciando todos os marcos pelas lutas políticas e as disputas e brigas pelas terras da época.

Em 1923, com 11 anos de idade, foi morar em Salvador e começou a estudar no Colégio dos padres jesuítas, o ensinamento dos padres influenciou as obras literárias, tomando gosto pela leitura, com apenas 15 anos, já estava publicando seu primeiro poema em uma revista de feições modernistas.

Hoje, é reconhecido nacionalmente e, em vida, desenvolveu várias funções: escritor, repórter policial, trabalhou em jornal, participou de grupo que tinha como objetivos a renovação literária, fez Faculdade de Direito, foi deputado federal, e em 1961 foi eleito na academia brasileira de Letras. Escreveu 49 livros, o primeiro da sua carreira foi *O país do carnaval* em

1931, que é considerado a estreia literária do autor nos anos 30, já em viagens pelo Brasil publicou alguns livros como: *Capitães da areia* e o *Cavaleiro da esperança*.

Em 1933, começa a perseguição política, sendo preso três vezes e ficando alguns anos sem publicar. Em 1943, após 06 anos de perseguição decide escrever sobre os trabalhadores da região em que cresceu e publica o livro *Terras do sem fim*, em 1958 publica *Gabriela cravo e canela* obra que ficou reconhecida em vários países, passando por teatro, novelas e filmes. De 1959 em diante, viriam algumas de suas obras mais consagradas como: *Tieta do agreste, a morte e a morte de Quincas berro D'agua, Tereza Batista cansada de Guerra, Dona flor e seus dois maridos, Tenda dos milagres, Tieta do agreste e Farda, Fardão e camisola*.

Recebeu alguns prêmios fora do Brasil, como na Itália, em 1995, ganhou o prêmio Camões, uma das maiores honrarias da literatura de língua portuguesa. Suas obras foram traduzidas para 42 idiomas diferentes do espanhol ao coreano, passando pelo russo, francês e inglês.

Segue a cronologia biográfica, seguindo uma ordem dos fatos que aconteceram na vida do referido autor na época.

Quadro 05 - Cronologia Biográfica do autor

1912	Nasce Jorge Amado de Faria, em 10 de agosto de 1912, no município de Itabuna, Bahia.
1914	A família passa a residir definitivamente em Ilhéus.
1918	É matriculado no colégio de dona Guilhermina
1927	Estreia literária do escritor, na revista <i>A luvá</i> , com um poema de feições modernista. Faz parte do grupo literário academia dos Rebeldes.
1930	Muda-se para o Rio de Janeiro e escreve seu primeiro romance, <i>O país do carnaval</i> .
1931	Ingressa na faculdade de Direito e publica <i>O país do carnaval</i> .
1933	Publica o romance <i>Cacau</i> , que teria vários exemplares apreendidos.
1936	Primeira prisão, no Rio de Janeiro.
1937	Publicação de <i>Capitães da Areia</i> . O governo apreende exemplares dos seus livros e os queima em praça pública. É novamente preso, em Manaus.
1941	Entrega o <i>ABC de Castro Alves</i> a Editora Martins. Refugia-se na Argentina e começa a redigir a biografia de Luiz Carlos Prestes.
1945	É eleito deputado federal pelo PCB, por São Paulo.
1948	Tem seu mandato na câmara cassado e vai residir em Paris.
1950	Passa a residir na Tchecoslováquia, onde escreve <i>O Mundo da paz</i> .
1951	Recebe, em Moscou, pelo conjunto da sua obra, o prêmio internacional Stálin.

1956	Retorna ao Brasil.
1958	Escreve <i>Gabriela, Cravo e Canela</i> .
1961	Candidata-se a academia Brasileira de Letras e é eleito por unanimidade. Publicação de <i>Os velhos Marinheiros</i> .
1963	Deixa o Rio de Janeiro e passa a residir na Bahia.
1976	Recebe na Itália o prêmio lila, pelo livro <i>Teresa Batista Cansada de Guerra</i> .
1977	Publica <i>Tieta do Agreste</i> .
1979	Lançamento de <i>Farda, Fardão e Camisola</i> .
1981	Comemoração do cinquentenário da publicação de <i>O País do Carnaval</i> .

Fonte: Gomes (1981, p. 36).

2.3 Contextualizando a Obra

É necessário contextualizar os acontecimentos históricos para que possa compreender o que estava acontecendo na sociedade naquele momento, pois a obra é um marco histórico de Jorge Amado como escritor.

Jorge Amado foi um dos principais responsáveis pela revolução de 30 na era modernista, essa revolução foi um movimento armado que aconteceu em 03 de outubro de 1932, pois este “[...] significou a tentativa de desestabilizar o poder regional das antigas oligarquias rurais, buscando atender as novas demandas sociais, políticas e culturais das crescentes camadas médias urbanas, geradas pela incipiente industrialização do país” (ROSSI, 2009, p. 24).

As obras de Jorge Amado surgiram na década de 30, demonstrando as contradições da época, e refletiam que o Brasil era um país controlado por uma minoria voltada para seus próprios interesses em detrimento das classes sociais, a própria obra *Terras do sem fim* vai retratar isso, como as grandes massas, no caso, os coronéis, conseguiam controlar a partir do poder que tinham a exploração do cacau.

Com a geração de 30, o Brasil via seu espelho nos romances da geração em várias obras de Jorge Amado, para além da década e revolucionando os feitos históricos, a maioria é caracterizada pelo regionalismo e as problemáticas sociais, ou seja, é uma vista social brasileira marcada por uma perspectiva bastante crítica.

As obras de Jorge Amado seguiram fases da época, segundo Machado (2006),

O primeiro cobre as décadas de 30, 40 e grande parte de 50, coincidindo com a fase em que o escritor foi o membro do partido comunista. O segundo se inaugura com *Gabriela, Cravo e Canela*, publicado em 1958, e assinala uma mudança de tom, indo dos livros com preocupação de denúncia social para os romances de costumes. Corresponde ao desencanto do autor com o stalinismo após tomar conhecimento de aspectos de realidade que até então lhe eram desconhecidos, invasão da Hungria,

expurgos partidários, tortura de Arthur London, intransigência e autoritarismo da burocracia etc (MACHADO, 2006, p. 23).

Assim, podemos perceber que as obras seguiram uma realidade histórica bastante marcada pela preocupação social e, dentro desse cenário, surge o discurso entre o real e o ficcional em que o referido autor vai abordar sobre o mundo cacauero, evidenciando os conflitos de interesses políticos, dando força a uma era significativa denominando as classes sociais existentes na época e a modernização da região cacauera na Bahia.

2.3.1 Resumo da Obra

A obra *Terras do sem fim*, de Jorge Amado, teve sua primeira 1ª edição lançada em 1941 pela livraria Martins editora, e foi traduzido em para vários países como: alemão, árabe, búlgaro, chinês, coreano, dinamarquês, eslovaco, esloveno, espanhol, finlandês, francês, hebraico, holandês, húngaro, ídiche, inglês, italiano, polonês, russo, sérvio, sueco, tcheco e turco. O romance é dividido em seis capítulos, *O navio, a mata, gestação da cidade, o mar, a luta e o progresso*. Esses capítulos irão compor uma história interessante com bastantes diálogos que faz o narrador detalhar com exatidão os acontecimentos da época.

Figura 02- Edição *Terras do sem fim* – 1977



Fonte: Disponível em: <https://www.jorgeamado.org.br/livros/terras-do-sem-fim/> . Acesso em: 6 set. 2023.

No capítulo I, intitulado como *o navio*, o narrador começa sua história com uma embarcação saindo de Salvador para Ilhéus, com uma grande quantidade de pessoas, a maioria, homens vindos de muito longe e, muitas vezes, iludidas pela febre do cacau, fragmentando as longas conversas a bordo sobre “terras, dinheiro, cacau e morte” (AMADO, 2008, p. 27).

No capítulo II, intitulado *A mata*, é perceptível que a terra que seria plantação do cacau nunca foi adentrada, ou seja, era o local perfeito para o cultivo. “[...] A mata era como uma virgem cuja carne nunca tivesse sentido a chama do desejo. É como uma virgem era linda, radiosa e moça, apesar das árvores centenárias. Misteriosa como a carne da mulher ainda não possuída. E agora era desejada também (AMADO, 2008, p. 44)”.

Era desejada pelos homens que procuravam pela esperança da fartura a partir do cultivo do cacau, levando dias e noites para entrar na mata que seria prospera e os homens sonhavam com as árvores dando frutos e as plantas carregados de cacau, e essa mata era chamada de Sequeiro Grande.

No capítulo III, intitulado *Gestão de cidade* o narrador, começa a adentrar aos locais de Ilhéus como, Ferradas e Tabocas que eram pequenos povoados que nasciam com as matas sendo abertas pelos coronéis, e habitavam pequenas quantidade de pessoas que sabiam o que acontecia nas matas. A partir desse crescimento, partiam a conquista de novas cidades,

Por vezes, rompendo a mata, chegavam viajantes de Itapira, da Barra do Rio de Contas, que era o outro lado das terras do cacau. Ferradas foi um centro de comércio, pequeno e movimentado. Iria parar seu crescimento com a mata do Sequeiro Grande, nos limites da qual nasceria o povoado de Pirangi, uma cidade feita em dois anos. E anos depois, com o andar rápido da lavoura do cacau, nasceria Baforé, já no caminho do sertão, que logo trocava seu nome pelo mais eufônico de Guaraci (AMADO, 2008, p. 129).

Assim, os coronéis dominavam a minoria das pessoas, com a abertura de estradas e no crescimento das cidades.

No capítulo IV, intitulado *O mar*, o narrador faz referências aos jornais da época. Os próprios coronéis faziam questão que seus trabalhadores fossem até os cais, estrutura feita de estaca que fica na beira do mar, passar as informações aos jornalistas que chegavam ao povoado buscando saber dos acontecimentos nas tocaias e matas.

Na noite de conversa no cais, a cidade de Ilhéus dormia seu sono inquieto, cortado de boatos que chegavam de Ferradas, de Tabocas e de Sequeiro Grande. Começa a luta entre os Badarós e Horácio. Os dois semanários que se publicavam na cidade trocavam descomposturas violentas, cada qual fazia o elogio dos seus chefes contrários (AMADO, 2008, p. 168).

Os jornalistas, geralmente, estavam do lado de algum dos coronéis e o melhor para o povo era o que sabia falar mal, alguns jornalistas eram amigos próximos e sabiam onde poderia atacar nas suas matérias, e a vantagem da época era que os jornais podiam argumentar do jeito que as pessoas diziam.

No capítulo V, intitulado *A luta*, começa os conflitos entre os coronéis Horácio e os irmãos Badarós Juca e Sinhô, que lutam pela posse das matas do Sequeiro Grande em um crescente desenrolar de crimes, mortes e falcatrúas, como, por exemplo, o famoso *caxixe* nomeado a um documento falso que dava o poder de ser dono de algo, sem registro.

A verdade é que tanto Horácio como os Badarós tinham pressa. Um e outro desejavam derrubar a mata quanto antes e quanto antes plantá-la de cacaueiros. A luta comia dinheiro, as folhas de pagamento se elevavam nos sábados as alturas nunca vistas antes, os jagunços recebendo em dia, o preço das armas aumentando (AMADO, 2008, p. 216).

Nesse sentido, os coronéis faziam de tudo para tomar as terras, e por mais que as leis já permeavam nessa época era mais fácil tomar as terras pela força.

No capítulo VI, intitulado *Progresso*, o narrador, já relata o avanço das plantações do cacau, como deu frutos enormes e árvores carregadas, além da vitória do coronel Horácio a frente da mata de Sequeiro Grande, os jornais já falavam do progresso do município e ressaltavam a importância do cacau para o crescimento da região. “[...] Ilhéus, berço de tantos filhos trabalhadores, de tantos homens de inteligência e de caráter que abriam clareiras de civilização na terra negra e bárbara do cacau” (AMADO, 2008, p. 272). Assim, o que marcou essa época foram às histórias e teorias de como Ilhéus iria crescer e prosperar.

As personagens principais da obra são as famílias Badarós, constituída pelos irmãos, suas filhas e as empregadas, a família de Horácio, constituída por sua esposa Ester, que vive sozinha na fazenda selvagem, o advogado Doutor Virgílio, que começa a se envolver com Ester, mulher de Horácio, o aventureiro João Magalhães, jogador de cartas e falso engenheiro militar que se integra a família dos Badarós, o capanga Antônio Vitor fiel aos Badarós, a prostituta Margot mantida por Juca Badaró, os capangas que viviam na mata como, negro Damião, Maneca Dantas, que se dividiam entre as matas e os cabarés, alguns eram chamados de negros, mulatos e trabalhadores.

Sobre a obra, Candido (1992) explicita que “É este, sem dúvida alguma, o seu maior livro. [...] É um grande romance, cujo significado na nossa literatura não pode no momento ser bem aquilatado” (CANDIDO, 1992, p. 54). Por fim, *Terras do sem fim* (1912) registra, em parte, as lutas dos homens nos áspersos tempos, constituindo um dos registros mais marcantes na história do cacau e no coronelismo da Bahia.

2.3.2 A cidade de Ilhéus – Bahia

A cidade de Ilhéus está localizada no litoral e sul do estado da Bahia, nordeste do Brasil. É a cidade com o mais extenso litoral entre os municípios do estado, a população chega a 178.703 pessoas no Censo de 2022, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É o décimo município mais populoso da Bahia.

A história da cidade de Ilhéus teve seu início após o descobrimento do Brasil em 1500, Dom João III, Rei de Portugal, decidiu separar as colônias em capitânias hereditárias, com o intuito de povoá-la mais rapidamente. A Capitania de São Jorge dos Ilhéus, como era chamada, foi doada ao nobre português Jorge de Figueiredo Correia, em 1534.

Figura 03- Vista parcial da cidade de Ilhéus (BA) – 1953



Fonte: Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/ilheus/historico> . Acesso em 04 de setembro de 2023.

De acordo com os dados do Censo de (2014), o nome da cidade recebeu influências de Portugal,

A vila recebeu o nome de São Jorge dos Ilhéus, em homenagem ao donatário da capitania, que era católico e devoto de São Jorge, escolhido como santo padroeiro da cidade. Os primeiros anos de colonização foram marcados por intenso conflito com os índios tupiniquins e aimorés. De Portugal, o donatário procurava desenvolver a Capitania doando sesmarias a destacadas figuras do reino, que mandaram instalar engenhos de açúcar a fim de fazer crescer a população e o comércio (BRASIL, 2014).

A cidade foi desenvolvendo com os ciclos econômicos, como a produção de cana de açúcar e a produção de farinha no início do século XX, dando início a um processo de imigração de pessoas vindo de outros países. Sobre o cacau, semente que tornou Ilhéus uma cidade

prospera nos dias de hoje: Plantado na Bahia em 1746, por Antônio Dias Ribeiro, em Canavieiras, o cacau iniciou uma era de prosperidade em Ilhéus. A expansão da lavoura cacaueira se deu na segunda metade do século XIX, e posicionou a Vila de São Jorge dos Ilhéus como uma das mais importantes da província da Bahia (BRASIL, 2014).

O cacau começa a crescer na região de Ilhéus, influenciando no surgimento de outras cidades adjacentes que foram fundamentais para os grandes cenários das regiões cacaueiras crescentes ao redor do Brasil.

Ainda, segundo os dados do IBGE (2014), a partir do século XX, Ilhéus começa a alcançar várias obras de serviços como abertura de estradas, porto, aeroporto e ferrovias, sendo sede de representações dos principais órgãos públicos do estado e da união como Instituto de Cacau da Bahia (ICB) e a Comissão Executiva do Plano de Lavoura Cacaueira (CEPLAC). Em 1974, a cidade ganhou o distrito industrial do Iguape, onde foram implantadas indústrias processadoras de amêndoas de cacau para fins de exportação.

Com isso, a própria história do município se alinha com a história do cacau em que Jorge Amado pode reescrever a época que levou o mundo a conhecer as riquezas culturais, as potencialidades econômicas, arquitetura colonial e a capacidade do povo de enfrentar e superar crises.

Atualmente, Ilhéus segue em desenvolvimento econômico e industrial e sua curiosidade se dá pelo turismo no qual pessoas de várias cidades e países vem de longe para conhecer a região da costa do cacau.

Figura 04 -Vista de Ilhéus (2021)



Fonte: Disponível em: <https://www.agravo.com.br/2021/06/26/aniversario-de-ilheus-sera-marcado-por-entrega-de-obras-palestras-e-live-com-artistas-locais/> . Acesso em 04 de setembro de 2023

O Turismo se dá pela própria história do escritor Jorge Amado, figural principal e referência que reconta as histórias da época em seus mais de 30 livros sobre Ilhéus e região. O destaque se dá pela casa de cultura Jorge Amado, no qual a rua tem o nome do próprio escritor e o “palacete” nome que chamava o local onde o autor morou com sua família e passou parte da infância e adolescência, foi construída em estilo neoclássico no final da década de 1920, por seu pai, João Amado Faria, após ganhar na loteria.

O museu foi restaurado em 1997 pela gestão da época e hoje mantém em exposição fotos, roupas, histórico dos pais, brinquedos da infância, biografias, além de vídeos sobre o escritor. O museu integra o circuito de memória, projeto que é desenvolvido pela Secretaria Municipal de Cultura (Secult), lançado em 2015.

Figura 05 - Museu casa de cultura Jorge Amado



Fonte: Disponível em: <https://www.ilheus.ba.gov.br/detalhe-da-materia/info/casa-de-cultura-jorge-amado-integra-o-circuito-de-memoria-de-ilheus/17140> . Acesso em: 5 set. 2023.

Essa casa não apenas preserva o legado literário de Jorge Amado, mas também, proporciona um mergulho na atmosfera que inspirou muitas de suas obras. É um local de valor cultural inestimável, contribuindo para a compreensão mais profunda da vida e obra desse importante escritor brasileiro.

A estátua é um marco que celebra a contribuição significativa de Jorge Amado para a literatura brasileira. É mais do que uma representação física do autor, ela personifica a ligação íntima entre Jorge Amado e a cidade de Ilhéus que foi retratada em várias obras do escritor, tornando-se um cenário marcante em seu universo literário. A estátua, portanto, é uma expressão visual dessa conexão profunda.

Figura 06- Estátua de Jorge Amado (Ilhéus)



Fonte: Disponível em: <https://turismocivico.museologialab.org/ponto-turistico/estatua-de-jorge-amado-ilheus/>. Acesso em: 5 set. 2023.

A escultura ou estátua, produzida pelo artista plástico Tati Moreno, foi instalada em frente à Casa de Cultura Jorge Amado, centro de Ilhéus. Além dos pontos turísticos em Ilhéus, a cidade de Salvador também tem uma rica história cultural, com museus e centros culturais que celebram a vida e obra de Jorge Amado e outros artistas baianos.

Em algumas obras, o autor descreve a cidade com detalhes, cidade onde morou por anos e veio a falecer em 2001, retratando suas ruas, praças, edifícios e monumentos históricos, fazendo referências às tradições e costumes locais, como a produção de cacau e a vida religiosa.

Transformada em memorial desde 2016, a casa do Rio Vermelho é um convite para visitar à intimidade de Jorge Amado e Zélia Gattai, fica localizada na rua Alagoinhas, no bairro do Rio Vermelho em Salvador -BA. O espaço preserva mais de dois mil metros quadrados e expõe com detalhes os 40 anos vividos pelo casal nos diversos ambientes da residência.

Figura 07- Entrada da Casa do Rio Vermelho em Salvador.



Fonte: Disponível em: <https://tourb.com.br/salvador/lugares/museus-e-centros-culturais/casa-do-rio-vermelho-jorge-amado/> . Acesso em: 04 set. 2023.

Os cômodos ganharam um projeto museográfico com vídeos, efeitos sonoros, fotos e exposição de objetos de uso pessoal dos antigos moradores, encontram-se peças, máquina de escrever que ele usava, além de xilogravuras, ilustrações e os móveis originais, oferecendo uma rica imersão cultural, literária e histórica, com grandes referências de diversos outros artistas.

A Fundação Casa de Jorge Amado em Salvador é um espaço totalmente dedicado a vida e obra do escritor baiano que dá nome ao local e conta com uma exposição permanente sobre a vida de Jorge Amado, possuindo um conjunto de mais de 250.000 materiais que se relacionam com o autor e a sua obra. A instituição é considerada um ponto de referência na geografia cultural de Salvador, realiza cursos, seminários, oficinas, ciclos de conferências, lançamentos de livros, exposições e a Feira Literária Internacional do Pelourinho (FLIPELO).

Figura 08- Fundação casa de Jorge Amado



Fonte: Disponível em: < <https://tourb.com.br/salvador/lugares/pontos-turisticos/fundacao-casa-de-jorge-amado/>>. Acesso em: 04 set. 2023.

A criação da Casa teve a contribuição do próprio Jorge Amado e da sua esposa, Zélia Gattai, é uma das principais responsáveis pela existência da fundação cultural estabelecida na terra natal do escritor. Há também um espaço para a exposição em homenagem a Zélia Gattai, que foi uma escritora paulista que viveu ao lado de Jorge Amado por quase 60 anos, esse espaço tem, fotos, vídeos objetos pessoais que traduzem muito da sua história de vida.

Hoje, Jorge Amado é um dos escritores mais importantes na história da literatura, suas histórias ultrapassam gerações que apreciam a arte em suas escritas, são monumentos, títulos, prêmios, caricaturas em várias cidades e nome em ruas prêmios e medalhas. Várias homenagens que tornam o autor um cânone da literatura brasileira por décadas.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentaremos uma análise dos vocábulos que contém o diminutivo. Exploraremos as ocorrências, os contextos de uso e as cargas semânticas, oferecendo, assim, uma compreensão mais aprofundada de como o diminutivo é empregado na obra. A apreciação dos significados presentes na obra, além de destacar padrões e ênfases no uso do diminutivo ao longo do texto. Isso nos permitirá observar de que forma a linguagem é utilizada e as escolhas feitas pelo autor em relação ao diminutivo ao longo da narrativa.

3.1 Vocábulos com diminutivos encontrados na obra

Nesta subseção, apresentaremos um quadro que destaca os vocábulos que incorporam diminutivos encontrados na obra. No total, identificamos 61 vocábulos com sufixos diminutivos, e essas foram agrupadas de acordo com sua frequência de ocorrência. Durante nossa análise, conseguimos identificar 12 campos semânticos distintos, dentre esses campos, destacamos cinco campos como sendo os mais produtivos, uma vez que continham um maior número de vocábulos com diminutivo e identificamos oito campos menos produtivos.

Essa divisão dos vocábulos em campos semânticos tem o propósito de facilitar a compreensão dos temas e contextos em que os diminutivos são mais frequentemente empregados ao longo da obra. Isso nos permitirá entender melhor como esses vocábulos contribuem para a construção do significado no contexto da narrativa.

Quadro 06 – Vocábulos com diminutivo encontrados na obra em análise.

SUFIXOS	VOCÁBULOS	CONTEXTOS
-Inho	Baixinho	- Eu sei que morro, Robério. Não vejo mais você nem os meninos. – Repetiu baixinho : - nem os meninos. p. 05
-Inha	Coitadinha	- Tá tísica, coitadinha . O Médico não deu esperanças. p. 07
-Inho	Pequeninho	- Diz que é um tal de matar gente que Deus me perdoe... Falou um pequeninho de voz rouca. p. 12
-Inho	Tiquinho	Já ouvir contar essa conversa ..., mas não acredito nem um tiquinho . Se fala muito no mundo... p. 12
-Inha	Filhinha	- Minha mulher, ta com uma filhinha de dois anos, outro no bucho. Uma lindeza de menina. p.12

-Inha	Modinha	- Tá vendo essa modinha ? Nessas terras vou morrer. Tá ai uma coisa verdadeira ... p. 16
-Inho	Baixinho	A mulher grávida apertou o braço de Filomeno, falou baixinho : - Tou com medo. p. 19
-Inho	Mocinho	Apareceu um doutor, tinha tirado diploma de médico, era mocinho ...uma lindeza de rapaz. p.20
-Inho	Pobrezinho	- Pra que fizeram isso com o pobrezinho ? perguntou a mulher que amamentava. p.20
-Inho	Pobrezinho	- Pobrezinho ? - José da Ribeira riu e sua risada era pra dentro, parecia que ele estava se divertindo enormemente – pobrezinho ?... p. 20
-inho	Burrinhos	- Ta um vento brabo... Se eu tomar vinho boto os burrinhos n' água... p.22
-Inha	Rocinha	- Auricídia é o nome lá da minha rocinha , capitão. Se quiser passar uns dias lá comendo carne-seca. p.23
-Inha	Ferreirinha	- Ferreirinha riu escandalosamente: p.23
-Inha	Ferreirinha	Ferreirinha apoiava: - o trabalho é duro, sim – mas também o dinheiro é de fartura... p. 24
-Inha	Ferreirinha	Ferreirinha estrugiu de novo na sua gargalhada. p. 25
-Inha	Bichinha	- Ilhéus é terra de muito dinheiro... Uma bichinha assim tão linda como você é capaz de botar roça por lá. p. 27
-Inha	Zequinha	- Foi um caso feio. Mandaram matar Zequinha pelas costas. p.30
-Inha	Belezinha	- E monto mesmo, belezinha . É só dizer sim. p.30
-Inho	Baixinho	Margot repetiu com asco: <i>mulher minha</i> e foi andando devagar até o camarote. Ainda ouviu o baixinho , de bigodes, dizer quando ela passava. p. 31
-Inho	Devagarinho	Quando tenho raiva de um, sou capaz de cortar ele devagarinho . Tu sabe... p.57
-Inho	Pequenininho	- Eu não quis que ela trouxesse o de lá, um piano pequenininho ... muito reles p.77
-Inha	Colherzinha	- Mais uma colherzinha , comadre, Gosto de café bem doce. p.79

-Inha	Chuvinha	- Muito bonita a noite e essa chuvinha ainda dá mais graça. p.79
-Inho	Passarinho	- É como um passarinho na boca de uma cobra... p.81
-Inha	Pestinha	- Este menino é uma pestinha ... p. 85
-Inha	Carapirinha	- Jesus Cristo lhe de boa noite... falou um deles, era um velho de carapirinha branca. p. 89
-Inho	Tempinho	- Se vosmicê consente a gente descansa um tempinho ... p. 89
-Inha	Cachacinha	- E dizer que estou bebendo essa cachacinha ... Podia estar na estrada, estirado... p. 100
-Inha	Agorinha	- Tu, firmo, vai voltar agorinha mesmo... mando dois homens pra lhe garantir. p. 104
-Inho	Dedinho	- Algemiro! Jose Dedinho ! João vermelho! p. 104
-Inho	Juntinho	- Sinho Badaró mandou eu liquidar o homem. Era seu Firmo, o que tem a roça dele bem aqui juntinho . p. 117
-Inha	Juquinha	- Era aniversario de Juquinha que tem um rabicho com Violeta. p. 126
-Inho	Passarinho	Valente pro lado de mulher – quando quer comer uma fica mais manso que um passarinho . p. 130
-Inho	Mundinho	- Dizia esta que, em certa sessão espírita em casa de Eufrosina chamaram, chamaram o espírito de Mundinho de Almeida. p. 139
-Inho	Pouquinho	- Como vai, Mulher de tropeiro? Vou ver tua mãe daqui a pouquinho ... p. 141
-Inha	Gatinha	Você é uma gatinha mal-acostumada. p. 146
-inha	Gatinha	Ta com ciúme da tua gatinha ? por que? você sabe que eu nem ligo pras propostas que me fazem.... p. 150
-Inha	Gatinha	- Leva tua gatinha meu negro, eu juro que não saio. Só com você pra ir no cabaré. Não saio do quarto, não converso com homem nenhum. p. 150
-Inha	Tabaroinha	- Pois não calo. Deve ser isso mesmo. Tu queres é enganar uma tabaroinha qualquer, agarrar o dinheiro dela... p. 151

-Inha	Candinha	- Os filhos da Candinha , seu Doutor...o que é que não se sabe em Tabocas? aqui, quando não se tem o que falar inventa... p. 153
-Inha	Zefinha	- Como vai, seu Tonico? Vou indo, dona Zefinha . E a senhora? p. 158
-inha	Magrinha	- Que pena... lastimou uma professora magrinha , que era admiradora do Dr Virgílio. p. 162
-Inho	Cachorrinho	- é meu cachorrinho pra cá, minha gatinha pra lá... Meu cãozinho de luxo – abaixou a voz, cobriu o rosto com vergonha do médico – minha eguinha puladora. p. 164
- Inha	Gatinha	- é meu cachorrinho pra cá, minha gatinha pra lá... Meu cãozinho de luxo – abaixou a voz, cobriu o rosto com vergonha do médico – minha eguinha puladora. p. 164
-inho	Cãozinho	- é meu cachorrinho pra cá, minha gatinha pra lá... Meu cãozinho de luxo – abaixou a voz, cobriu o rosto com vergonha do médico – minha eguinha puladora. p. 164
-Inha	Eguinha	- é meu cachorrinho pra cá, minha gatinha pra lá... Meu cãozinho de luxo – abaixou a voz, cobriu o rosto com vergonha do médico – minha eguinha puladora. p. 164
-Inha	Agorinha	- Acabei de saber agorinha mesmo. Vosmicê não imagina, vai cair de costas. p. 168
-Inho	Legalzinho	- Ta tudo legal, seu Azevedo. Tudo legalzinho , sem faltar uma vírgula. O moço é um advogado bamba. Arranjou tudo direitinho ... p. 169
-Inho	Direitinho	- Ta tudo legal, seu Azevedo. Tudo legalzinho , sem faltar uma vírgula. O moço é um advogado bamba. Arranjou tudo direitinho ... p. 169
-Inho	Mundinho	- Não se alembra que o coronel Mundinho até mandou buscar um agrônomo na Bahia para fazer a medição e veio um barbudo, cachaceiro como ele só? p. 169
-inho	Direitinho	Inácio sorriu: Diga ao coronel Sinhô que eu tou a disposição dele... pra mim não há outro chefe nessa zona. Eu soube do acontecido vim direitinho aqui... p. 169
-Inha	Corridinha	- Não, Sinhá. Foi uma corridinha . Oito léguas pequenas. p. 171

-Inho	Direitinho	Fala, lesma. Não é verdade que é direitinho uma lesma? vocês já viram alguém tão parecido com uma lesma? Tu já teve mulher? p. 179
-Inho	Advogadozinho	- Bandidos! E esse advogadozinho ... merece um tiro... Pág. 172
-Inha	Mesinha	- Boa ideia... Fazemos uma mesinha no cabaré. p.186
-Inho	Nhozinho	- E agora estavam ali, na sala dos fundos do cabaré de Nhozinho , jogando aquele pôquer. p. 188
-Inha	Ruinzinha	- Orquestra ruinzinha ... falou Ferreirinha p. 188
-Inha	Manhãzinha	- Amanhã o senhor não vai poder, capitão. De manhãzinha sai para a roça. No trem das oito da manhã. p. 190
-Inho	Doutorzinho	- É a mulher de Horácio, a dona Ester... o doutorzinho anda metido com ela... p.196
-Inha	Palhinha	- Oferecia-lhe a melhor cadeira, a sua, e sentava-se modestamente numa das cadeiras de palhinha p. 216
-Inha	Costinha	- Não é nada... Disse Costinha . – Só arranhou – e ainda atirava. p. 229

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

O Quadro 06, traz uma lista dos vocábulos com diminutivos encontrados na obra, acompanhados pelos respectivos sufixos *-inho* e *-inha*, e os contextos que foram utilizados. O sufixo *-inha* (com 33 ocorrências) em comparação com o sufixo *-inho* (com 28 ocorrências) indica que o sufixo *-inha* é ligeiramente mais frequente do que o *-inho*, pois, na narrativa, o autor faz mais uso de diminutivos no feminino do que no masculino.

Esses vocábulos foram agrupados em diversos campos semânticos que abrangem uma variedade de temas e significados, evidenciando a riqueza e a versatilidade desses diminutivos na construção do texto.

3.2 Produtividade dos campos semânticos

A produtividade dos campos semânticos na obra analisada segue uma ordem decrescente, indo do campo mais produtivo para o menos produtivo. Os campos mais produtivos são: afetividade, nome próprio, pejorativo, tempo e comprimento que apresentam ocorrências de vocábulos relacionadas a esses temas ao longo da obra. Em contrapartida, os campos semânticos menos produtivos, que contêm um número menor são: modal, precisão,

comparação, compaixão, quantidade, enfático e lugar, indicando que esses temas desempenham um papel menos proeminente. Essa análise ressalta a importância relativa de cada campo semântico na obra, destacando quais aspectos têm maior relevância na história e como eles são abordados.

3.2.1 Campos semânticos mais produtivos

Os campos semânticos mais produtivos na obra são aqueles que aparecem com maior frequência e desempenham um papel importante na narrativa e foram identificados cinco campos semânticos produtivos. Assim, apresentam-se os dados do primeiro campo semântico mais produtivo, o de afetividade, conforme o Quadro 07:

Quadro 07 – Campo semântico Afetividade

CAMPO SEMÂNTICO	EXEMPLO	CONTEXTO
Afetividade	01	- Minha mulher, ta com uma filhinha de dois anos, outro no bucho. Uma lindeza de menina. p.12
	02	- Apareceu um doutor, tinha tirado diploma de médico, era mocinho... uma lindeza de rapaz. p.20
	03	- Ta um vento brabo... Se eu tomar vinho boto os burrinhos n' água... p.22
	04	- Auricídia é o nome lá da minha rocinha , capitão. Se quiser passar uns dias lá comendo carne-seca. p.23
	05	- Ilhéus é terra de muito dinheiro... Uma bichinha assim tão linda como você é capaz de botar roça por lá. p. 27
	06	- Muito bonita a noite e essa chuvinha ainda dá mais graça. p.79
	07	- Jesus Cristo lhe de boa noite... falou um deles, era um velho de carapirinha branca. p. 89
	08	- E dizer que estou bebendo essa cachacinha ... Podia estar na estrada, estirado... p. 100
	09	- Você é uma gatinha mal-acostumada. p. 146
	10	Ta com ciúme da tua gatinha ? por que? você sabe que eu nem ligo pras propostas que me fazem.... p. 150

	11	- Leva tua gatinha meu negro, eu juro que não saio. Só com você pra ir no cabaré. Não saio do quarto, não converso com homem nenhum. p. 150
	12	- Que pena... lastimou uma professora magrinha , que era admiradora do Dr Virgílio. p. 162
	13	- é meu cachorrinho pra cá, minha gatinha pra lá... Meu cãozinho de luxo – abaixou a voz, cobriu o rosto com vergonha do médico – minha eguinha puladora. p. 164
	14	- é meu cachorrinho pra cá, minha gatinha pra lá... Meu cãozinho de luxo – abaixou a voz, cobriu o rosto com vergonha do médico – minha eguinha puladora. p. 164
	15	- é meu cachorrinho pra cá, minha gatinha pra lá... Meu cãozinho de luxo – abaixou a voz, cobriu o rosto com vergonha do médico – minha eguinha puladora. p. 164
	16	- é meu cachorrinho pra cá, minha gatinha pra lá... Meu cãozinho de luxo – abaixou a voz, cobriu o rosto com vergonha do médico – minha eguinha puladora. p. 164
	17	- Boa ideia... Fazemos uma mesinha no cabaré. p.186

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Como se nota no Quadro 07, o campo semântico afetividade foi um dos mais produtivos, com 17 vocábulos com sufixos diminutivos. O campo semântico de afetividade na obra é rico em exemplos que evidenciam as relações e emoções das personagens.

Vocábulos e expressões como *gatinha*, conforme exemplo 14, *mocinho*, no exemplo 02, *uma bichinha assim tão linda como você*, no exemplo 05, revelam a presença constante de afeto e sentimentos entre os personagens, pois essas expressões demonstram a importância das relações interpessoais, destacando a influência do afeto, do amor, e do carinho na trama.

O campo semântico afetividade contribui para a construção das características das personagens e para o desenvolvimento de seus relacionamentos ao longo da história, adicionando profundidade e complexidade aos aspectos emocionais das protagonistas e coadjuvantes. Dessa forma, desempenha um papel notável na narrativa, enriquecendo a experiência do leitor e tornando a obra mais envolvente.

Em seguida, apresentam-se os dados do campo semântico nomes próprios, conforme Quadro 08.

Quadro 08- Campo semântico Nome próprio

CAMPO SEMÂNTICO	EXEMPLO	CONTEXTO
Nome Próprio	18	- Ferreirinha riu escandalosamente: p.23
	19	Ferreirinha apoiava: - o trabalho é duro, sim – mas também o dinheiro é de fartura... p. 24
	20	Ferreirinha estrugiu de novo na sua gargalhada. p. 25
	21	- Foi um caso feio. Mandaram matar Zequinha pelas costas. p.30
	22	- Algemiro! Jose Dedinho ! João vermelho! p. 104
	23	- Era aniversario de Juquinha que tem um rabicho com Violeta. p. 126
	24	- Dizia esta que, em certa sessão espírita em casa de Eufrosina chamaram, chamaram o espírito de Mundinho de Almeida. p. 139
	25	- Os filhos da Candinha , seu Doutor...o que é que não se sabe em Tabocas? aqui, quando não se tem o que falar inventa... p. 153
	26	- Como vai, seu Tonico? Vou indo, dona Zefinha . E a senhora? p. 158
	27	- Não se alembra que o coronel Mundinho até mandou buscar um agrônomo na Bahia para fazer a medição e veio um barbudo, cachaceiro como ele só? p. 169
	28	- E agora estavam ali, na sala dos fundos do cabaré de Nhozinho , jogando aquele pôquer. p. 188
	29	- Não é nada... Disse Costinha . – Só arranhou – e ainda atirava. p. 229

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Como se nota no Quadro 08, o campo semântico nome próprio foi um dos mais produtivos, com 12 vocábulos com sufixos diminutivos. O contexto em que os nomes próprios estão inseridos revela-se como um elemento crucial para a conexão das personagens na trama.

Os nomes próprios desempenham um papel vital ao identificar pessoas específicas na história, conferindo-lhes identidades únicas. Um exemplo notável é encontrado no nome *Mundinho de Almeida*, conforme mencionado no exemplo 24.

Nomes próprios como esse podem conter referências culturais ou locais específicas, enriquecendo a narrativa ao adicionar profundidade e refletir elementos distintivos da cultura regional. Essa prática não apenas personaliza as personagens, mas também insere a história em um contexto mais amplo, incorporando aspectos culturais que podem influenciar a trama.

Ao explorar este campo semântico, percebemos que ele desempenha um papel significativo na criação de um mundo ficcional rico. Esses nomes não são escolhidos aleatoriamente; ao contrário, são cuidadosamente selecionados para transmitir nuances específicas de identidade, cultura e contexto social.

Assim, o uso criterioso de nome próprio contribui para a representação detalhada das relações interpessoais, eventos e sentimentos ao longo da narrativa. Através desse cuidado semântico, o autor constrói um universo ficcional coeso e envolvente, onde os nomes não são apenas rótulos, mas elementos narrativos que enriquecem a experiência do leitor.

Em seguida, apresentam-se campo semântico pejorativo, conforme Quadro 09.

Quadro 09 – Campo semântico Pejorativo

CAMPO SEMÂNTICO	EXEMPLO	CONTEXTO
Pejorativo	30	- Diz que é um tal de matar gente que Deus me perdoe... Falou um <i>pequeninho</i> de voz rouca. p. 12
	31	- <i>Pobrezinho?</i> - José da Ribeira riu e sua risada era pra dentro, parecia que ele estava se divertindo enormemente – <i>pobrezinho?</i> ... p. 20
	32	- Este menino é uma <i>pestinha</i> ... p. 85
	33	- Pois não calo. Deve ser isso mesmo. Tu queres é enganar uma <i>tabaroinha</i> qualquer, agarrar o dinheiro dela... p. 151
	34	- Bandidos! E esse <i>advogadozinho</i> ... merece um tiro... Pág. 172
	35	- Orquestra <i>ruinzinha</i> ... falou Ferreirinha p. 188
	36	- É a mulher de Horácio, a dona Ester... o <i>doutorzinho</i> anda metido com ela... p.196

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Como se nota no Quadro 09, o campo semântico pejorativo na obra é notável pela presença de vocábulos e expressões que denotam desrespeito, crítica ou desaprovação em relação a diferentes personagens e situações. Vocábulos como *pobrezinho*, conforme exemplo 31, *pestinha*, no exemplo 32, *advogadinho*, no exemplo 34, e *ruinzinha*, no exemplo 35, são exemplos de termos utilizados, pois essas expressões carregam um tom depreciativo e, muitas vezes, refletem o julgamento das personagens sobre os outros ou sobre as suas ações.

O uso do campo semântico pejorativo na obra serve para caracterizar a maneira como as personagens se relacionam uns com os outros, contribuindo para a construção da atmosfera e da dinâmica dos relacionamentos na história, adicionando conflito e drama à narrativa.

Além disso, o uso de vocábulos pejorativos podem ser uma ferramenta literária para criticar aspectos negativos da sociedade da época em que a obra se passa, destacando desigualdades, preconceitos e injustiças, e isso faz com que o campo semântico desempenhe um papel importante na obra, não apenas no desenvolvimento das personagens e suas interações, mas também na reflexão sobre questões sociais e morais.

Em seguida, apresentam-se os dados do campo semântico tempo, conforme o Quadro 10:

Quadro 10 – Campo semântico Tempo

CAMPO SEMÂNTICO	EXEMPLO	CONTEXTO
Tempo	37	- Tá vendo essa <i>modinha</i> ? Nessas terras vou morrer. Tá aí uma coisa verdadeira ... p. 16
	38	- Tu, firmo, vai voltar <i>agorinha</i> mesmo... mando dois homens pra lhe garantir. p. 104
	39	- Como vai, Mulher de tropeiro? Vou ver tua mãe daqui a <i>pouquinho</i> ... p. 141
	40	- Acabei de saber <i>agorinha</i> mesmo. Vosmicê não imagina, vai cair de costas. p. 168
	41	- Amanhã o senhor não vai poder, capitão. De <i>manhãzinha</i> sai para a roça. No trem das oito da manhã. p. 190

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Como se nota no Quadro 10, os exemplos retirados da obra fornecem contextos que se relacionam ao conceito de tempo de diferentes maneiras e percepções, a partir de expressões como *agorinha mesmo*, conforme exemplo 38, e *daqui a pouquinho*, no exemplo 39, indicam

uma noção de tempo imediato e próximo, ressaltando a atualidade das informações ou ações que estão sendo discutidas, como também as expectativas e surpresas.

Por fim, esses trechos destacam como o tempo é percebido, utilizado e comunicado pelos personagens na narrativa, sendo assim, este campo semântico de tempo é importante para a compreensão das relações temporais e das implicações que o tempo tem nas ações, nas expectativas e nas reflexões dos personagens.

A seguir, apresentam-se os dados do campo semânticos de comprimento conforme o Quadro 11.

Quadro 11 – Campo semântico Comprimento

CAMPO SEMÂNTICO	EXEMPLO	CONTEXTO
Comprimento	42	- Eu não quis que ela trouxesse o de lá, um piano <i>pequeninho...</i> muito reles p.77
	43	Margot repetiu com asco: <i>mulher minha</i> e foi andando devagar até o camarote. Ainda ouviu o <i>baixinho</i> , de bigodes, dizer quando ela passava. p. 31
	44	- Não, Sinhá. Foi uma <i>corridinha</i> . Oito léguas pequenas. p. 171
	45	- Mais uma <i>colherzinha</i> , comadre, Gosto de café bem doce. p.79
	46	- Oferecia-lhe a melhor cadeira, a sua, e sentava-se modestamente numa das cadeiras de <i>palhinha</i> . p. 216

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Como se nota no Quadro 11, o campo semântico comprimento foi um dos mais produtivos, com cinco vocábulos com sufixos diminutivos. No exemplo 42, a personagem menciona um *piano pequeninho*, indicando o comprimento físico ou as dimensões reduzidas do piano. No exemplo 45, a personagem pede *mais uma colherzinha* ao mencionar que gosta de café bem doce, mesmo que o contexto seja diferente do comprimento físico, aqui, a palavra *colherzinha* sugere uma medida de comprimento pequena e específica, que é uma colher pequena usada para adicionar açúcar ao café.

Nesse sentido, este campo semântico descreve dimensões físicas de objetos ou para expressar preferências pessoais em relação à quantidade ou medida de algo, contribuindo assim, na criação de detalhes.

3.2.2 Campos semânticos menos produtivos

Os campos semânticos menos produtivos são aqueles que aparecem com menos ocorrências. Estes campos, embora menos produtivos em termos de ocorrência na obra, ainda desempenham papéis na caracterização de personagens e na ambientação da história.

Em seguida, apresentam-se os dados do campo menos produtivo, o de modal, conforme Quadro 12.

Quadro 12 – Campo semântico Modal

CAMPO SEMÂNTICO	EXEMPLO	CONTEXTO
Modal	47	- Eu sei que morro, Robério. Não vejo mais você nem os meninos. – Repetiu <i>baixinho</i> : - nem os meninos. p. 05
	48	A mulher grávida apertou o braço de Filomeno, falou <i>baixinho</i> : - Tou com medo. p. 19
	49	Quando tenho raiva de um, sou capaz de cortar ele <i>devagarinho</i> . Tu sabe... p.57

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Como se nota no Quadro 12, o campo semântico modal expressa o modo com que uma ação é realizada, no contexto da obra, esses exemplos indicam maneiras diferentes de expressar ações ou estados.

No exemplo 47, *Eu sei que morro, Robério. Não vejo mais você nem os meninos. – Repetiu baixinho*, a expressão *baixinho* sugere que a pessoa está falando de forma discreta, em um tom suave, talvez com cautela. No exemplo 48, *A mulher grávida apertou o braço de Filomeno, falou baixinho: - Tou com medo*. Aqui, *baixinho* indica que a mulher está falando com intensidade reduzida, possivelmente, devido ao medo que está sentindo. No exemplo 49, *devagarinho* é usado para enfatizar que a ação de cortar alguém é realizada com lentidão, indicando possivelmente uma ameaça ou raiva controlada.

Esses exemplos demonstram como o campo semântico modal é usado na obra para transmitir a forma como as ações são realizadas e a intensidade ou atitude associada a elas, mesmo que seja um campo semântico menos produtivo na obra, ele desempenha um papel importante na construção do significado e na caracterização das situações e personagens.

Em seguida, apresentam-se os dados do campo semântico precisão, conforme Quadro 13:

Quadro 13 – Campo semântico Precisão

CAMPO SEMÂNTICO	EXEMPLO	CONTEXTO
-----------------	---------	----------

Precisão	50	- Ta tudo legal, seu Azevedo. Tudo <i>legalzinho</i> , sem faltar uma vírgula. O moço é um advogado bamba. Arranjou tudo <i>direitinho</i> ... p. 169
	51	Inácio disse: -Diga ao coronel Sinhô que eu tou a disposição dele... pra mim não há outro chefe nessa zona. Eu soube do acontecido vim <i>direitinho</i> aqui... p. 169
	52	Fala, lesma. Não é verdade que é <i>direitinho</i> uma lesma? vocês já viram alguém tão parecido com uma lesma? Tu já teve mulher? p. 179

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Como se nota no Quadro 13, no campo semântico precisão, o vocábulo *direitinho* é usado e ambos os contextos para expressar a ideia de que algo foi feito de maneira precisa, correta e de acordo com as expectativas.

No exemplo 50, quando se diz *legalzinho* e *arranjou tudo direito* enfatiza que tudo está em conformidade, sem erros ou problemas, e que o advogado fez um trabalho preciso. No segundo contexto, conforme o exemplo 51, quando Inácio diz que *vim direito aqui* ele está se referindo ao fato de que chegou ao seu destino de maneira precisa, no local correto e na hora certa. Por fim, o campo semântico de precisão é utilizado para ressaltar a exatidão e a correção de ações, situações ou resultados na narrativa. Essa ênfase em detalhes precisos pode contribuir para o entendimento da perfeição ou da certeza que as personagens desejam transmitir

Em seguida, apresentam-se os dados do campo semântico menos produtivo, o de comparação, conforme o Quadro 14:

Quadro 14 – Campo semântico Comparação

MPO SEMÂNTICO	EXEMPLO	CONTEXTO
Comparação	53	- É como um <i>passarinho</i> na boca de uma cobra... p.81
	54	Valente pro lado de mulher – quando quer comer uma fica mais manso que um <i>passarinho</i> . p. 130

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Como se nota no Quadro 14, o campo semântico comparação é usada para estabelecer semelhanças ou diferenças entre elementos.

No exemplo 53, o vocábulo *passarinho* é usado para ilustrar a vulnerabilidade ou a situação de perigo, comparando alguém a um passarinho que está em perigo nas garras de uma cobra. No exemplo 54, a comparação é usada para descrever o comportamento de alguém diante

de uma mulher, pois o homem se torna *mais manso que um passarinho* quando está interessado em conquistar uma mulher.

Por fim, esses exemplos demonstram como o campo semântico comparação é empregado na obra para criar imagens vívidas, estabelecer conexões e enfatizar características específicas das situações ou personagens, além disso a comparação é uma figura de linguagem amplamente utilizada na literatura para enriquecer a narrativa e a compreensão do leitor.

Em seguida, apresentam-se os dados do campo semântico, de compaixão conforme o Quadro 15:

Quadro 15 – Campo semântico Compaixão

CAMPO SEMÂNTICO	EXEMPLO	CONTEXTO
Compaixão	55	-Tá tísica, <i>coitadinha</i> . O Médico não deu esperanças. p. 07
	56	- Pra que fizeram isso com o <i>pobrezinho</i> ? perguntou a mulher que amamentava. p.20

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Como se nota no Quadro 15, o campo semântico de compaixão apresenta duas narrativas e como elas são expressas pelas personagens, o uso de *coitadinha* no exemplo 55, indica empatia e preocupação com o sofrimento da pessoa afetada pela doença, além disso, dizer que o médico não deu esperanças, sugere a tristeza da situação, assim como a expressão, no exemplo 56, *pobrezinho* reflete a preocupação e o desejo de entender o motivo por trás do sofrimento da criança.

Por fim, o campo semântico compaixão demonstra uma emoção humana poderosa que se manifesta diante do sofrimento ou das dificuldades de outros, e é usada para criar empatia entre as personagens e quem está lendo, bem como para explorar a solidariedade e compreensão das lutas humanas.

Em seguida, apresentam-se os dados do campo semântico, de quantidade, conforme Quadro 16:

Quadro 16 – Campo semântico Quantidade

CAMPO SEMÂNTICO	EXEMPLO	CONTEXTO
Quantidade	57	Já ouvir contar essa conversa ..., mas não acredito nem um <i>tiquinho</i> . Se fala muito no mundo... p. 12
	58	- Se vosmicê consente a gente descansa um <i>tempinho</i> ... p. 89

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Como se nota no Quadro 16 no campo semântico de quantidade o uso da expressão *nem um tiquinho* no exemplo 57, destaca uma pequena quantidade de crença ou confiança na história ou conversa em questão, indicando quantidade. No segundo contexto, conforme o exemplo 58, as personagens discutem a quantidade de descanso necessária, o uso de *um tempinho* indica uma quantidade de tempo relativamente curta que seria suficiente para descansar.

Sendo assim, é perceptível que a quantidade dentro do contexto pode desempenhar um papel característico dos personagens, assim como a criação do ambiente na condução da trama.

Em seguida, apresentam-se os dados do campo semântico menos produtivo, o de enfático conforme o Quadro 17.

Quadro 17 – Campo semântico Enfático

CAMPO SEMÂNTICO	EXEMPLO	CONTEXTO
Enfático	59	- E monto mesmo, <i>belezinha</i> . É só dizer sim. p.30
	60	- Ta tudo legal, seu Azevedo. Tudo <i>legalzinho</i> , sem faltar uma vírgula. O moço é um advogado bamba. Arranjou tudo <i>direitinho</i> ... p. 169

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Como se nota no Quadro 17, o campo semântico enfático foi um dos menos produtivos, com apenas dois vocábulos com sufixo diminutivo. No exemplo 59, a palavra *belezinha* é usada enfaticamente para destacar a decisão firme ou a determinação do personagem em realizar uma ação, enfatizando a sua vontade, forma de confirmação. Já no exemplo 60, o vocábulo *legalzinho* é usado para reforçar e enfatizar a ideia de que tudo está em ordem e que o advogado fez um trabalho excepcional, a ênfase realça a satisfação ou a certeza da personagem em relação à situação.

Sendo assim, o campo semântico enfático é usado para transmitir intensidade, ênfase e certeza nas expressões, destacando a importância de certos elementos na narrativa, contribuindo para o tom da história e a compreensão das emoções e atitudes dos personagens.

Em seguida, apresentam-se os dados do campo semântico de lugar, conforme Quadro 18.

Quadro 18 – Campo semântico Lugar

CAMPO SEMÂNTICO	EXEMPLO	CONTEXTO
-----------------	---------	----------

Lugar	61	- Sinho Badaró mandou eu liquidar o homem. Era seu Firmo, o que tem a roça dele bem aqui <i>juntinho</i> . p. 117
-------	----	--

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Como se nota no Quadro 18, no campo semântico lugar é notável que o contexto na obra destaca a importância da geolocalização, um exemplo disso é de como o lugar é discutido ou mencionado, como uma localização geográfica, pois no exemplo 61 o *homem* que Sinho Badaró mandou liquidar e vem acompanhada pela informação de que ele era *seu Firmo* e que tinha uma roça *bem aqui juntinho*, isso indica a localização geográfica da roça de seu Firmo, que está próxima ao local onde a narrativa se desenrola.

Esses vocábulos e expressões relacionam-se ao espaço físico e à localização geográfica, conferindo um elemento espacial à história, contribuindo para a construção do ambiente e contexto da trama, enriquecendo a experiência do leitor, ao situá-lo em diferentes lugares ao longo da história.

3.2.3 Comparação da análise Linguística

Os campos semânticos identificados, demonstram uma compreensão do texto e de como enriquecem a narrativa, oferecendo várias maneiras pelas quais a linguagem é empregada na obra e como esses elementos linguísticos se entrelaçam com a trama e a caracterização das personagens.

Nesse sentido, “A semântica contemporânea caracteriza-se também por um interesse marcado pelas relações entre a linguagem e o pensamento” (ULLMANN, 1961 p. 139). Isso significa que a semântica não considera mais a linguagem como um mero instrumento de expressão de pensamento, mas reconhece a complexa interação entre linguagem e pensamento. Essa evolução na compreensão das relações entre linguagem e pensamento se correlaciona com a análise dos campos semânticos na obra, já que ambos destacam a importância da linguagem na construção de significados, tanto na literatura quanto na teoria linguística.

Ainda em Ullman, sobre relação de contexto e significado, “Seu valor dependerá de como opere: da ajuda que possa prestar na descrição, interpretação e classificação dos fenômenos semânticos” (ULLMANN 1961, p. 139). Nisso, o referido autor ressalta a importância da operação do significado no contexto da descrição, interpretação e classificação dos fenômenos semânticos. Isso se correlaciona com a pesquisa sobre o uso do diminutivo na obra, no qual se busca justamente compreender como esse fenômeno linguístico opera na construção de significados e nas transmissões semânticas, procurando desvendar como o

diminutivo contribui para a riqueza da narrativa, evidenciando que o valor dessa operação do significado não se restringe apenas à referência objetiva, mas abrange o aspecto subjetivo, emocional e contextual que enriquece a compreensão da linguagem em seu uso literário.

Fiorin (2003), na semântica lexical, enfatiza como as unidades de vocábulos, particularmente aquelas que incorporam diminutivos, não se limitam a refletir a realidade, mas também geram efeitos de sentido singulares. Nisso, os diminutivos, quando inseridos em contextos específicos, não apenas denotam uma versão reduzida do objeto, mas também carregam significados culturais e contextuais. Isso evidencia a capacidade da linguagem não apenas de refletir o mundo, mas de criar significados, matizes e atmosferas particulares, proporcionando uma camada adicional à narrativa que vai além da mera descrição, tornando-a mais rica e cativante para o leitor. Fiorin (2003), na semântica formal, enfatiza sobre a influência dos contextos demonstrando como a linguagem é utilizada de forma rica e variada na narrativa, ambos os conceitos convergem para explicar como os vocábulos e os campos semânticos se entrelaçam com o contexto, resultando em uma experiência de leitura rica em significado e nuances.

Moura (2006), ainda, ressalta a influência crucial do contexto na interpretação do significado, destacando que o uso linguístico está intrinsecamente ligado às situações conversacionais em que os vocábulos são empregados. Isso se relaciona diretamente com a pesquisa sobre o uso do diminutivo na obra, uma vez que a análise do diminutivo leva em consideração não apenas os aspectos estritamente linguísticos, mas também o contexto específico em que ele é utilizado na narrativa literária. Assim, a compreensão dos fenômenos semânticos e da carga afetiva do diminutivo depende da análise do contexto, que desempenha um papel fundamental na interpretação e na atribuição de significados.

Além disso, foi observado que a polissemia do vocábulo *pobrezinho* em diferentes contextos, evidenciam uma riqueza de significados e usos variados. Os exemplos 31 e 56 ilustram claramente como o mesmo vocábulo pode assumir significados distintos dependendo do contexto em que é empregada, revelando as nuances presentes na língua e na literatura. Este fenômeno polissêmico, demonstrado por meio desses exemplos, destaca a flexibilidade e a diversidade dos significados que podem carregar, sublinhando a complexidade da comunicação e a capacidade da linguagem de transmitir múltiplos sentidos por meio de um único termo.

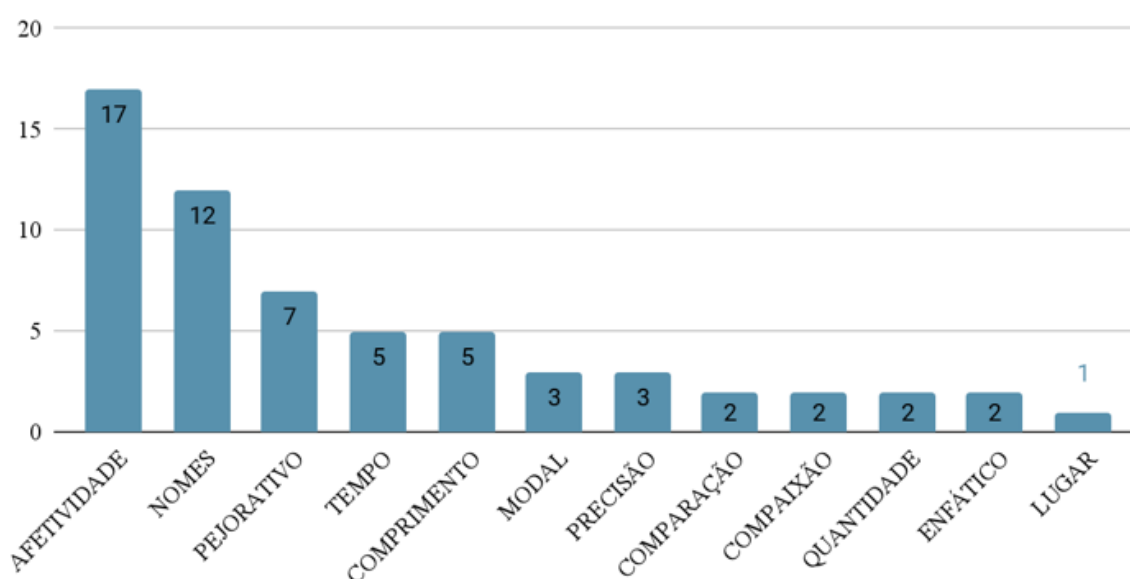
No campo semântico afetividade, a relação com a homonímia também se destaca nos exemplos 13,14,15 e 16 dos vocábulos, *cachorrinho*, *gatinha*, *cãozinho*, *eguinha*. Apresentam uma conotação distinta, evidenciando como o contexto influencia a carga de afetividade associada a esses termos, pois, embora tenham a mesma terminação, seu significado varia

consideravelmente de acordo com o contexto, reforçando a complexidade da língua e a importância do ambiente em que são utilizadas para a interpretação do sentido.

Nesse sentido, apresentaremos o Gráfico 01, com mais detalhes e valores de ocorrências de cada campo semântico na obra.

Gráfico 01- Ocorrências dos campos semânticos na obra

Gráfico - Ocorrências dos diminutivos ou campos semânticos ao longo da obra



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No gráfico 01, encontramos a representação de diferentes campos semânticos no contexto da obra. Cada campo semântico corresponde a uma categoria de vocábulos que tem significados ou características semânticas semelhantes.

1) Afetividade (17 ocorrências): Este campo inclui vocábulos que expressam emoções e sentimentos, pois é uma categoria significativamente produtiva, destacando a importância das emoções no texto, como se observa no quadro 07.

2) Nome Próprio (12 ocorrências): São nomes específicos de pessoas, lugares e coisas indicando uma quantidade nomeadas no texto, como se observa no quadro 08.

3) Pejorativo (sete ocorrências): Este campo engloba vocábulos com conotações negativas usadas de forma depreciativa, sugerindo o uso controlado de linguagem pejorativa, como se observa no quadro 09.

4) Tempo (cinco ocorrências): Inclui vocábulos relacionadas a períodos de tempo, como horas, indicando a consideração do tempo na narrativa, como se observa no quadro 10.

5) Comprimento (cinco ocorrências): Descreve o tamanho ou extensão de algo, este campo é relativamente raro indicando que o tamanho não é um foco frequente na narrativa, como se observa no quadro 11.

6) Modal (três ocorrências): Relacionado a vocábulos que expressam a modulação da ação, como possibilidade ou necessidade, sugerindo que modificações de ação não são um tema central, como se observa no quadro 12.

7) Precisão (três ocorrências): Inclui vocábulos que descrevem a exatidão ou detalhamento, a precisão não é um foco principal, como se observa no quadro 13.

8) Comparação (três ocorrências): Engloba vocábulos usadas para estabelecer comparações entre elementos, a ênfase na comparação é limitada, como se observa no quadro 14.

9) Compaixão (duas ocorrências): Refere-se a vocábulos que expressam compaixão ou empatia, indicando que a empatia não é um tema proeminente, como se observa no quadro 15.

10) Quantidade (duas ocorrências): Categoria que descreve a quantidade ou número de algo, como se observa no quadro 16.

11) Enfático (duas ocorrências): Este campo se refere a vocábulos usadas para enfatizar algo, sugerindo o uso ocasional de ênfase, como se observa no quadro 17.

12) Lugar (uma ocorrência): Relacionado a vocábulos que descrevem locais ou espaços físicos, indicando que a descrição de lugares não é notória, como se observa no quadro 18.

Essa análise destaca a distribuição de diferentes campos semânticos no texto, fornecendo informações sobre os temas e ênfases no conteúdo, ajudando a compreender como esses campos contribuem para a construção da análise da obra.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os vocábulos no diminutivo presentes em *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado, torna-se evidente que compreender o significado desses vocábulos vai além do simples uso linguístico, requer uma imersão no contexto em que são empregadas. Essa abordagem não apenas revela como o diminutivo é utilizado, mas também desvenda a intenção e o significado subjacente que o autor atribui a cada termo. Essa exploração minuciosa proporcionou uma perspectiva mais ampla sobre a riqueza da linguagem utilizada na obra, enriquecendo o entendimento e a apreciação da narrativa de Jorge Amado.

Nesse sentido, essa análise não apenas ajuda os leitores a apreciar a complexidade da narrativa, mas também, compreender as sutilezas do ambiente, personagens e a utilização da linguagem para criar atmosferas distintas e caracterizar os elementos da trama.

A distinção entre os vocábulos mais e menos produtivos, observada na análise dos campos semânticos presentes, revela a amplitude de significados e nuances que esses termos podem carregar. Os campos semânticos, como expressões de um conjunto de vocábulos relacionadas por seu significado, evidenciam essa riqueza ao explorar as diferentes interpretações e a profundidade dos sentidos associados a cada termo. Os vocábulos mais produtivos, que se desdobram em múltiplos significados e contextos, enriquecem a compreensão da narrativa, oferecendo uma perspectiva multifacetada da trama, contribuindo para uma apreciação mais completa da obra.

Em contraste, os vocábulos menos produtivos, mais restritos em suas interpretações, ainda desempenham um papel significativo ao oferecer uma clareza específica, porém mais limitada, em certos pontos da narrativa, destacando a delicadeza e a precisão desses termos em contextos específicos. A análise dos campos semânticos, portanto, acrescenta dimensões adicionais à compreensão da narrativa, revelando a complexidade e a diversidade dos sentidos presentes nos vocábulos e enriquecendo a apreciação global da obra de Jorge Amado.

Além disso, a pesquisa ressalta a importância de considerar o contexto ao interpretar o significado, não apenas na obra de Jorge Amado, mas na linguagem em geral, isso nos lembra que estas não têm significados fixos e que o contexto desempenha um papel fundamental em sua interpretação.

A pesquisa também reforça a importância da Linguística na análise semântica dos vocábulos, indo além da mera definição de dicionário. Isso demonstra como a análise linguística pode desvendar camadas mais profundas de significado em uma obra literária e em qualquer contexto linguístico.

Espera-se que este estudo possa contribuir para futuras pesquisas na área das Letras, principalmente para os estudos em Linguística. Essa análise ofereceu uma compreensão mais profunda da linguagem e destaca a importância de considerar o contexto ao interpretar o significado. Os vocábulos no diminutivo em *Terras do sem fim*, de Jorge Amado, representam um exemplo notável de como a Linguística pode enriquecer nossa compreensão sobre linguagem.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, 2014. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/ilheus/historico> . Acesso em: 4 set. 2023.
- ABREU, Thais Holanda de. **Estudo das formas aumentativas e diminutivas em Português Arcaico**, 211 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.
- ALVES, Elisabeth. O diminutivo no português do Brasil: funcionalidade e tipologia. **Estudos Linguísticos**, v. 35, p. 694-701, 2006.
- AMADO, Jorge. **Terras do sem-fim**. Editora Companhia das Letras, 2008.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 39ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BISOL, Leda. O diminutivo e suas demandas. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 26, p. 58-85, 2010.
- BORBA, Francisco. **Dicionário de usos do português do Brasil**. 1 edição. São Paulo: editora Ática, 2002.
- GOMES, Álvaro Cardoso. Jorge Amado - **Literatura Comentada**. 1981
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 1992.
- CEGALLA, Domingos. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 43ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.
- CEREJA, Willian, COCHAR, Thereza. **Gramática Reflexiva, texto semântica e reflexão**. 2ª edição. São Paulo: Saraiva S.A, 2013.
- COUTINHO, Ismael. L. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CUNHA, Antônio. **Dicionário etimológico nova fronteira da Língua Portuguesa**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora nova fronteira S/A, 1982.
- CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1971.
- DUBOIS, Jean. **Dicionário de linguística / Jean Dubois ... {et.al}**. 2ª Edição. – São Paulo: Editora Cultrix, 2014.
- FARACO, C. E.; MOURA, F. M. **Gramática**. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- FREITAS, Myrian; BARBOSA, Maria Fernanda. A alternância do diminutivo -inho/ -zinho no português brasileiro: um enfoque variacionista. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 57, n. 2, 2013.
- FIORIN, J. L. (Org.) **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2003.
- GONZAGA, Agenor. COELHO, Maria. Uma reflexão acerca do emprego do sufixo diminutivo no português brasileiro. **Revista Alpha**, UNIPAM (9):149-157, nov. 2008.
- ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. 3ª edição. São Paulo: Ática, 1998.
- LAKOFF, George. Cognitive semantics: In the heart of language an interview with George Lakoff. **Fórum Linguístico**, v. 1, n. 1, p. 83-119, 1998.
- LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 42ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da Linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- MACHADO, Ana Maria. **Romântico, sedutor e anarquista: como e por que ler Jorge Amado hoje**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

- MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à semântica**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- MESQUITA, Roberto. MARTOS, Cloder. **Gramática Pedagógica**. 15ª edição. São Paulo: Editora Saraiva, 1988
- MOURA, Heronildes M.M. **Significação e contexto**: Uma introdução a questões de semântica e pragmática. 3ª edição. Florianópolis: Editora insular. 2006.
- NIEDERAUER, Carina. CEREZOLI, Andréia. 2019. **Uma descrição semântica para o uso do diminutivo**. Antares: letras e humanidades. 11. 153-172. 10.18226/19844921.v11. n23.08.
- PERINI, Mario. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- RAMOS, Rogério. **Dicionário Didático da Língua Portuguesa**. 2ª edição. São Paulo: Editora SM, 2011.
- RASTIER, François. Formas semânticas e textualidade. **Langages**, n. 3, p. 99-114, 2006.
- RIO TORTO, Graça - Valores e usos do diminutivo -inho no Português Europeu. **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto** - N.o Especial, Vol. 2 - 2022 - 29-51.
- ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **As cores da revolução**: a literatura de Jorge Amado nos anos 30. Annablume, 2009.
- SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 3ª edição. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- SANTANA, Messias dos Santos. **O sufixo diminutivo em português**: forma, funcionamento e significação - do século XIII ao XX. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- SOARES DA SILVA, Fabiana, and Cristiane Dall' Cortivo Debler. "O Uso Do Diminutivo Inho E Suas Possíveis Significações Pelo Viés Da Teoria Dos Blocos Semânticos (TBS) E Da Linguística Formal." *Signo* (Santa Cruz Do Sul) 45.82 (2020): 101-11. Web.
- TREVISAN, Rosana. WEISZFLOG, Walter. **Michaelis**: Moderno dicionário da língua Portuguesa. 1ª edição. São Paulo: Editora companhia Melhoramentos, 1998.
- TURUNEN, VIRPI JOHANNA. Sobre a descrição das dimensões semânticas e pragmáticas do diminutivo em português. **Revista Escrita**, v. 2008, n. 9, 2008.
- ULLMANN, Stephen. **SEMÂNTICA**: Uma introdução à ciência do significado. 4ª Edição. J. A. Osório Mateus (trad.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1961.
- ULLMANN, S. **Semântica**: Uma Introdução à Ciência do Significado, trad. **José Osório Mateus**. Lisboa: **FC Gulbenkian**, 1977.
- A LITERATURA DE JORGE AMADO. Disponível em: <http://www.jorgeamado.com.br/professores/professores01.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2023.
- Fundação Casa de Jorge Amado. Disponível em <https://tourb.com.br/salvador/lugares/pontos-turisticos/fundacao-casa-de-jorge-amado/> . Acesso em: 04 set. 2023.
- ILHÉUS, 483 ANOS DE HISTÓRIA E CONQUISTAS. Uma saudação a Terras do Sem Fim. PARABÉNS ILHÉUS! Disponível em: <https://jornaldoradialista.com.br/ilheus-483-anos-de-historia-e-conquistas-uma-saudacao-a-terras-do-sem-fim-parabens-ilheus/> . Acesso em: 5 set. 2023.
- ILHEUSTURISMO.COM. Jorge Amado e Ilhéus Bahia: Uma História de Amor e Literatura. Disponível em: <https://ilheusturismo.com/jorge-amado-e-ilheus-bahia-uma-historia-de-amor-e-literatura/> . Acesso em: 5 set. 2023.